

I Parte

A solidariedade como modo de ser humano e a solidariedade na cristologia

Introdução

Esta primeira parte é introdutória. Destina-se a preparar o caminho para o desenvolvimento do restante da pesquisa. Dois aspectos serão brevemente abordados, formando dois distintos capítulos.

O primeiro tratará da **solidariedade**, também em dois momentos. Iniciamos mostrando como este tema está sendo cada vez mais introduzido nos debates das diversas ciências, nos diversos campos da teologia cristã e até nas discussões relativas à sobrevivência do planeta. O segundo momento deste capítulo vai, de diversas maneiras, aclarando a concepção de solidariedade, uma palavra de acepção polissêmica. Constataremos que ela necessita do suporte de uma nova visão antropológica, pois sua natureza e dinâmica internas configuram um modo-de-ser humano realmente novo. Esse jeito de ser pode se prestar para uma nova leitura de “criados à imagem e semelhança” de Deus.

Já o segundo capítulo desta primeira parte, devido ao fato de que esta investigação girará em torno da imagem cristológica de Francisco de Assis, tem por objetivo mostrar que ao longo da história houve quase sempre uma **pluralidade de visões cristológicas**, geralmente em estreita relação com o contexto de seu surgimento. Verificaremos que no último meio século de história, sobretudo aonde as problemáticas sociais se agudizam, a leitura da mensagem e atuação de Jesus Cristo vem recebendo, sempre nunca esquecer a globalidade de seu mistério, de sua mensagem e de sua atuação, uma atenção especial enquanto expressão privilegiada do modo de ser do Deus profundamente solidário com os mais marginalizados, ao longo de toda a história. Na parte final acenaremos, por uma seleção quase aleatória, para algumas abordagens cristológicas que incluem especificamente a dimensão da solidariedade.

Capítulo I

A solidariedade como modo humano de ser

Dois são os objetivos deste capítulo introdutório de nossa investigação. Em primeiro lugar ter uma visão panorâmica do surgimento desta temática, sobretudo nos diversos ramos da teologia. Não para atender a uma simples curiosidade. Mas para dar-nos conta de que, não obstante tanto o termo quanto a temática, sejam realidades recentes, com menos de um século de história, essa temática da solidariedade vai ganhando sempre mais espaço no horizonte das preocupações atuais da humanidade, talvez mais pela extrema carência que dela sentimos (como humanidade e como planeta) do que propriamente pela convicção de havermos conquistado um tal modo de vida em que ela seja um valor determinante em nosso comportamento. A nosso aviso, é importante apresentar este desenvolvimento da temática e sua compreensão, pois ao aproximar-nos de Francisco de Assis que viveu no século XIII, não podemos esperar dele nem o emprego desta terminologia, nem uma clara consciência da formulação deste tema, próprios da atualidade. Será necessário divisar tudo isso, nas entrelinhas de seus textos, no seu modo de abordar os desafios e, sobretudo, nas suas preocupações para com os mais necessitados, a mesma realidade que hoje denominamos com o termo “solidariedade”. Precisaremos, então, fazer uma espécie de hermenêutica de suas palavras e de seus gestos, a fim de colher a realidade que nos interessa averiguar nesta investigação.

O segundo objetivo não é menos importante: a urgência de uma certa unificação de conceitos e de uma aclaração da acepção que assumiremos ao

nomear este vocábulo “solidariedade”. Ocorre que o termo solidariedade é extremamente polissêmico e poliédrico.

Sabemos que, etimologicamente falando, o termo “solidariedade” origina-se do latim: *solidum*, elemento sólido, terra firme, ou também o maciço, o indiviso, diz Pianigiani¹. No tempo dos romanos, a expressão *in solidum* era apenas usada na jurisprudência comercial romana, no sentido de comprometer, co-responsavelmente, cada um dos integrantes de cada uma das partes da transação comercial, credores e devedores, com o todo do negócio. Estabelecia-se, desse modo, um vínculo jurídico recíproco entre credores ou devedores de uma mesma obrigação, de tal modo que esta decisão tornava sólido o estabelecido naquele contrato comercial. Isto é, a transação comercial resultava sólida, porque não sofreria solução de continuidade pela ausência ou desistência ou inadimplência de um ou mais de seus participantes.

Porém não existia no latim antigo² o termo *solidarietas*, nem outro que lhe fosse próximo. Todavia pertenciam à mesma família semântica, já naquele tempo, os vocábulos *solidare* (consolidar), *soliditas* (solidez), *solidatio* (consolidação)³, sempre com a conotação básica de dar solidez, firmeza ou consistência a um ato, a uma pessoa, a uma ação ou realidade, a fim de impedir que, no futuro, se fragilize, quebre ou desapareça por circunstâncias alheias.

Atualmente os dicionários de línguas apresentam uma gama enorme de conotações e de situações de emprego que ultrapassam largamente essa primeira acepção⁴. O sentido abrange desde o sentimento de quem é simpático a alguma

¹ O. PIANIGIANI. *Vocabulario Etimológico*, 1805. Por sua vez, segundo este autor, *solidum* provém do antigo latino *sollus* (inteiro, todo), mais a terminação *idus* que traz a idéia de duração, permanência. Logo, algo firme e durável como a terra. Talvez devido a isso que a moeda ou o capital também podem ser denominados “*solidum*”. Ver também: S. BATAGLIA. *Grande Dizionario della Lingua Italiana*, vol XIX. Torino, Ed. Torinese, 1988, 327. Ou ainda *Il Vocabulario Treccani*, vol V. Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1997, 118-119.

² A palavra *solidarietas*, porém, foi inventada pelos latinólogos contemporâneos, e atualmente seu emprego é comum, como se pode ver nos documentos do Vaticano II, onde aparece quatro vezes.

³ M. VIDAL. *Para compreender la solidaridad*, 11-12.

⁴ Entre os principais sentidos de solidariedade nos dicionários encontramos: 1) laço ou vínculo de pessoas ou coisas independentes; 2) sentido moral que veicula o indivíduo à vida, aos interesses ou responsabilidades de um grupo social; 3) relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns; 4) sentimento de quem é solidário; 5) sentimento de simpatia, ternura ou piedade pelos pobres, pelos desprotegidos, pelos que sofrem, pelos injustiçados etc; 6) manifestação desse sentimento com o intuito de confortar, consolar, oferecer ajuda; 7) dependência recíproca; 8) vínculo jurídico entre credores e devedores duma mesma obrigação; 9) adesão a uma causa, empresa ou princípio de outrem; 10) identidade de idéias, de sentimentos, de doutrinas; 11) estado ou condição grupal que resulta da comunhão de atitudes e sentimentos, de maneira que o grupo venha a constituir uma unidade sólida, em sociologia; 12) colaboração com

corrente de pensamento ou pessoa, passando pela harmonia com o modo de pensar, pela identidade de idéias, pela dependência recíproca, pelo vínculo de responsabilidade por alguém ou por um grupo de pessoas, pela opção pelos mais necessitados, até pelo vínculo jurídico entre credores e devedores. O conceito expandiu-se também para a mecânica, a psicologia, a antropologia etc.

No entanto, dentre todos, dois aspectos parecem estar quase sempre presentes em toda essa diversidade de acepções de solidariedade e que estarão sempre presentes ao mencionar este termo: a idéia de um *vínculo*, relação estreita e forte, entre vários sujeitos ou partes e, além disso, em se tratando de sujeitos humanos, a idéia de *responsabilidade para com o outro*, no sentido de erguer ou amparar o debilitado, de resgatar a sua dignidade perdida, de incluí-lo no ambiente original de onde fora excluído. Esses dois elementos parecem caracterizar etimologicamente a compreensão de solidariedade.

Este capítulo se destina, então, a aprofundar sua compreensão e a confrontá-lo com outras palavras com as quais o conceito de solidariedade é facilmente intercambiado. E, acima de tudo, deseja situar a solidariedade como um modo de ser profundamente antropológico, um modo-de-ser-humano, muito além de uma simples atitude ou virtude como, por vezes, soe ser encontrado.

Em vista disso serão dados os seguintes passos: num primeiro momento, constataremos o surgimento da temática, e conseqüentemente do termo, na prática, no último século de história. Depois, passando à compreensão de sua acepção mas ainda sem abordá-lo diretamente, será confrontado com algumas virtudes afins. No terceiro item mostraremos o suporte de uma nova antropologia que a solidariedade requer enquanto modo de ser humano. Por fim, faremos uma introspecção no seu conceito para concluir que ele representa, talvez, a melhor expressão do modo humano de ser. Importa não olvidar que se trata de um capítulo introdutório à temática, apenas para despertar a atenção para o grande

uma iniciativa de outros em favor de terceiros; 13) harmonia com modos de pensar e sentir diversos; 14) contrato de solidariedade entre sindicatos e patrões; 15) participação ou compromisso em uma situação crítica ou dolorosa; 16) a relação entre o psíquico e o biológico, em psicologia; 17) conexão rígida entre mais elementos em mecânica, etc. Confira em: A. B. de H. FERREIRA. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986², 1607; INSTITUTO ANT. HOUAISS. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, 2602; S. BATAGLIA. *Grande Dizionário della Língua Italiana*, vol XIX. Torino, Ed. Torinese, 1988, 327. Ou *Il Vocabulario Treccani*, vol V. Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1997, 118-119.

horizonte de perspectivas e situações e não com o objetivo de exaurir a abordagem de suas diversas dimensões ou relações.

1.1

O emergir do termo e da temática da “solidariedade”

O Concílio Vaticano II afirmou que a consciência da necessidade de uma solidariedade nacional e internacional constitui um dos sinais dos tempos de nossa época⁵. Talvez essa consciência no povo seja o resultado da experiência cotidiana da confluência simultânea de dois fatores principais: de um lado, o fenômeno das economias locais, de qualquer parte do globo terrestre, oscilando ao impulso do movimento de outras economias, distantes, mais fracas ou mais fortes, pouco importa. A economia mundial revela um encadeamento impressionante. Os resultados negativos se refletem seriamente na vida de todos os cidadãos, mormente, os mais pobres. João Paulo II reconheceu que esta economia, estruturada sobre a ganância do lucro, gera “cada vez mais ricos sempre mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”⁶. De outro lado, também os fenômenos climáticos e, sobretudo, os ecológicos (efeito estufa, poluição do ar e da água, a desertificação, o exaurimento das energias não renováveis) são sentidos em efeitos cada vez mais evidentes e desastrosos nos ambientes de vida das populações. Mesmo sem entender nem o sentido dessas reações em cadeia e nem suas verdadeiras causas, a população tomou consciência de que o mundo se tornou uma pequena “aldeia global”, pois o que afeta um indivíduo ou um grupo, acaba por afetar toda a coletividade mundial. Mais do que nunca e a contragosto, chegou-se a formar a consciência de que o mundo é um “organismo vivo e

⁵ CONCÍLIO VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem* 14: “Entre os sinais de nosso tempo, é digno de nota aquele senso sempre mais amplo e inelutável de solidariedade entre os povos. (...) Além disso (de promovê-lo), devem os leigos tomar consciência da esfera internacional e das questões e soluções que daí decorrem”. Também T. GOFFI. *Solidarietà*, 1263.

⁶ João Paulo II, diante da situação de injustiça social do continente latino-americano, no discurso de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla pronunciou esta tão conhecida e enfática expressão: “Ele (Paulo VI) tomava em consideração os mecanismos impregnados, não de autêntico humanismo, mas sim de materialismo, que produzem, a nível internacional, ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres”. CONF. EP.DA AMÉRICA LATINA (CELAM, *A Evangelização*, p. 27). Para facilitar, daqui em diante, este documento será indicado apenas com a palavra *Puebla*, seguida do número do parágrafo.

único”⁷. Por isso, a sociedade parece “estar condenada, a nível interplanetário, a ser solidária”⁸, devido à inter-relação entre todos os elementos e fenômenos do globo terrestre e a inter-relação de todas as populações da terra. Neste sentido, a solidariedade é um “fato” e um “imperativo ético”. Leonardo Boff recorda a urgência de caminhar na direção de um “novo paradigma civilizacional”⁹ que redimensione as relações sociais e com a terra. Importa dar-se conta de que “a lei fundamental do universo é a sinergia e a cooperação de todos com todos, pois tudo está urdido numa rede incomensurável de relações energéticas e materiais”, diz o mesmo autor¹⁰, e não o consumismo e o domínio do mais forte sobre o mais fraco.

Há várias décadas já se mencionava a necessidade de uma “civilização da convivialidade”¹¹, isto é, de uma “solidariedade estrutural”¹². Apela-se, neste momento de virada civilizacional, para a necessidade de uma segunda “neotenia”¹³, isto é, para uma nova e profunda adequação do ser humano que nos

⁷ Essa é uma das teses do pensador Fritjof CAPRA (*O ponto de mutação*, 44). Para ele o “universo deixou de ser visto como uma máquina, composta de uma profusão de objetos distintos, para apresentar-se como um todo harmonioso e indivisível, uma rede de relações dinâmicas que incluem o observador humano e sua consciência de um modo essencial”. Daí a necessidade de um novo paradigma de racionalidade: “O universo é visto como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas decorrem das propriedades das outras partes do todo, e a coerência total de suas inter-relações determina a estrutura da teia”, acrescenta mais abaixo (p.87). Segundo L. BOFF (*Saber cuidar*, 196) “Gaia” era um dos nomes da Terra na mitologia grega. “O cientista Lovelock chamou a terra de Gaia porque ela mostra reações e formas de equilíbrio, própria dos seres vivos. Ela seria um superorganismo vivo”.

⁸ Expressão de Washington Novaes assumida por Hugo ASSMANN e Jung MO SUNG (*Competência*, 75). Sua formulação completa é: “Estamos condenados, agora em nível interplanetário (...) a ser solidários; a solidariedade é um fato, antes de poder ser um imperativo ético”.

⁹ L. BOFF (*Princípio de compaixão*, 9): “Precisamos de um novo paradigma civilizacional que redifina as relações dos seres humanos para com a vida e a terra, e que invente modos de produção em consonância com a natureza, e não às custas dela”.

¹⁰ L. BOFF, *Princípio de compaixão*, 13: “Da física quântica e da cosmologia contemporânea sabemos que a lei fundamental do universo não é a da competição (erigida pela racionalidade utilitarista) e o triunfo do mais forte, mas sim a sinergia e a cooperação de todos com todos. Tudo está urdido por uma rede incomensurável de relações energéticas e materiais. Tudo têm a ver com tudo, em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Nada nem ninguém pode viver fora destas relações. A própria matéria não pode ser vista como estática e inerte, mas sim como algo que se caracteriza por re-atividade, pela criatividade e pelo diálogo”.

¹¹ O conceito de convivialidade foi, provavelmente, criado por Ivan Illich. A convivialidade visa conciliar o valor técnico da produção com o valor ético da produção social e espiritual. L. BOFF (*São Francisco de Assis*, 30 e *Saber cuidar*, 124) se apropriou dessa expressão.

¹² Para J. ARDUINI (*Antropologia*, 113) a *solidariedade estrutural* é a que “promove a humanização do mundo, estabelecendo a articulação entre direitos humanos e solidariedade. A nova solidariedade coloca a justiça no centro da sociedade”.

¹³ Segundo Hugo ASSMANN e Jung MO SUNG (*Competência*, 310), “por neotenia se alude ao fato de que a espécie humana reteve e incorporou ao seu cabedal genético uma série de características juvenis para poder permanecer extremamente flexível e aprendente pela vida afora. Somos uma

faça viver como verdadeiros seres humanos solidários, em substituição ao viver narcisístico como fazemos atualmente. A primeira neotenia nos fez alcançar a hominização; a segunda nos fará passar da hominização à humanização, onde são prioritárias as relações de solidariedade cósmica. Estas são muito mais nobres que a capacidade de defesa e domínio sobre as coisas (e pessoas, naturalmente) hoje vigentes em nossa civilização. Parece perspicaz a intuição do teólogo indiano, Felix Wilfred, de que estamos começando a presenciar o surgimento da “terceira geração dos direitos humanos, centrada nos direitos de solidariedade”¹⁴. Esta deveria se constituir em um verdadeiro “programa para a cristandade”¹⁵, acrescenta a teóloga alemã Hille Hacker. Mais que a economia e a tecnologia, impõe-se, então, para a humanidade, a globalização da solidariedade. “A globalização do princípio compaixão (princípio antropológico gerador da solidariedade) significará um avanço na realização da espécie humana e um novo patamar para a história do sistema-Terra se ela for feita através de uma ética da com-paixão e do cuidado por tudo quanto existe e vive”¹⁶.

Todavia, tal fenômeno de consciência que vem despontando na humanidade, dos mais diferentes campos da ciência ou da reflexão, não significa que a sociedade mundial tenha caminhado na direção de um modo de ser solidário. Antes, ao contrário. “O insistente apelo à solidariedade é inversamente proporcional à prática efetiva desse valor”, reconhece José Piana¹⁷. É sua

espécie que se viu obrigada, evolucionariamente, a preservar uma juvenildade adaptativa. Cerebralização e juvenildade evoluíram juntas”.

¹⁴ Felix WILFRED, *Identidades suprimidas*, 39. Embora o autor não desenvolva claramente o conteúdo destas gerações de direitos, deixa supor que a primeira geração de direitos diriam respeito à vida biológica (alimentação, saúde...), a segunda diria respeito aos valores econômicos, sociais, políticos e religiosos. À terceira geração pertenceriam os valores realmente humanos que tornam o homem um cidadão do cosmos, junto com os demais seres, vivendo, como irmão, em cooperação e sinergia com tudo e com todos.

¹⁵ Hille HACKER, *Compaixão como programa*, 78. Embora empregue a palavra compaixão, o conteúdo é praticamente idêntico ao que assumimos a respeito de solidariedade. Na mesma página essa teóloga alemã defende que “a participação no sofrimento do outro mostra ser uma constituinte da estrutura comum do cuidado, uma postura pastoral que precisa, ela própria, de formação e exercício”.

¹⁶ L BOFF, *Princípio de compaixão*, 18. O pensamento citado continua: “Sem esta ética, a globalização econômica pode levar-nos ao destino dos dinossauros. Mas a economia submetida à ética e a ética articulada com a espiritualidade podem permitir um parto feliz de um novo paradigma civilizacional que supomos mais sensível, mas cordial e mais espiritual, capaz de garantir um futuro promissor para a Terra e os filhos e filhas da Terra, os seres humanos”.

¹⁷ G. PIANA, *Solidarietà*, 980: “O insistente apelo à solidariedade tornou-se inversamente proporcional à prática efetiva deste valor da vida dos homens. A crise das ideologias, de fato, determinou um forte fechamento do homem sobre si mesmo, com o conseqüente atenuar-se da tensão social e política. A justificada reação nos confrontos de processos de socialização se traduz, de fato, no afirmar-se de tendências privatísticas sempre mais marcantes. O advento da

ausência que agora a transforma em “um imperativo de nosso tempo”¹⁸. A humanidade sente-se agora qual “comunidade de destino”, mesmo sem ter, conscientemente, se exercitado para adquirir esse nível de consciência. Ela chegou a esta consciência forçada pelos resultados funestos de sua prática. É uma lição que a humanidade está aprendendo a duras penas, qual remédio amargo por seu *ethos*¹⁹ malfadado, caracterizado pelo individualismo, pela cultura do domínio despótico e da exploração anárquica e gananciosa da natureza e, conseqüentemente, também dos outros seres humanos, pois como, profeticamente, escreveu o chefe Seathl da tribo Suwamish (Washington), em 1855, respondendo à proposta de compra de terras indígenas pelo governo norte-americano: “o que suceder à terra sucederá também com os filhos da terra”²⁰. Por isso a solidariedade está entre os gritos mais pungentes por um novo modo de ser-no-mundo que seja uma alternativa para frear essa corrida suicida que nós, seres humanos, estamos impondo a todo o planeta.

1.1.1

O emergir do tema na filosofia

Certamente a esta conscientização, que se evidenciou tão fortemente neste último meio século, se deve o emergir da tematização da solidariedade. A abordagem do tema da solidariedade parece ser, pois, um dado relativamente recente na história da humanidade. Aliás, o próprio termo “solidariedade” tem

sociedade complexa alimenta o crescimento de grupos corporativos, em que prevalece a busca do próprio interesse e a falta de abertura ao bem coletivo”.

¹⁸ J. ESPEJA PARDO. *Solidariedad*, 1269: “Podemos afirmar que a solidariedade, como vazio a preencher e como exigência sempre mais clamorosa, é imperativo de nosso tempo: ‘Trata-se, acima de tudo, diz João Paulo II, da interdependência, sentida como sistema determinante de relações no mundo contemporâneo, nas suas componentes econômica, cultural, política e religiosa, assumida como categoria moral”.

¹⁹ Para L. BOFF (*São Francisco de Assis*, 19-63), a crise civilizacional de nossa história atual decorre da quase absoluta hegemonia da razão ou da lógica instrumental que gerou um *ethos* que reduz tudo a produção ou a lucro pois o saber tem como intencionalidade definida o poder, abafando todas as demais dimensões do ser radicadas no *pathos*, na capacidade de afetar e ser afetado, de simpatia e sinergia. O autor propõe Francisco de Assis, o homem que recuperou a *innocência* radical, como resposta ao novo modo de ser humano. Por “in-nocência” aqui se entende humana “não nociva” ao ambiente, no sentido global.

²⁰ Esta carta é um eloqüente testemunho de outro paradigma relacional com a natureza, fundado sobre a compaixão e o cuidado. Eis o contexto da frase acima citada: “... Todas as coisas repartem o mesmo ar. O homem branco prefere não levar em conta o ar que respira. Como um homem morrendo há vários dias, ele está entorpecido para o perfume. Se todos os animais e árvores desaparecessem, o homem morreria de grande solidão de espírito, porque seja o que for que aconteça aos animais e plantas, acontecerá também ao homem. Todas as coisas estão ligadas. O que suceder à terra, sucederá também com os filhos da terra”.

uma história muito breve. O vocábulo emergiu na linguagem moderna, no século XVIII, porém se popularizou somente no final do século XIX, segundo Marciano Vidal²¹. Nasceu na França, ao se debater o solidarismo como uma terceira via alternativa ao liberalismo (individualismo) e ao socialismo²², momento em que houve uma mudança epistemológica na filosofia do direito que pleiteava como sede do bem e do mal não mais os elementos da natureza ou as pessoas individuais, nem as entidades comunitárias em si mesmas (a nação, por exemplo), mas sim a relação entre todos esses elementos. A qualidade positiva ou negativa das relações que se estabelecem entre as várias partes ou elementos da realidade, dizia-se, sempre produz benefício ou malefício. Dessa constatação, o solidarismo afirmou a existência de uma “interferência” entre todas as pessoas de uma determinada sociedade, mesmo sem o desejar, a tal ponto de que se falava da existência de um “risco mútuo”. Nesse debate, lentamente, foi-se construindo a “ontologia do ser social” que considera a pessoa humana como “*homo aleator*”, quer dizer, uma realidade profundamente interligada, interdependente. Os seres humanos são “aliados” como estrutura ontológica e antropológica, nas palavras de Ewald²³. O homem, segundo o solidarismo, é um *essere sociale essenzialiter* e não acidentalmente²⁴. A solidariedade se mostrará, como veremos abaixo, como um verdadeiro “princípio ontológico” ou modo de ser que configura o ser humano desde seu núcleo mais intrínseco, se assim se pode falar²⁵. Depois, na prática cotidiana, esse modo de ser se apresentará como um “princípio deontológico”, isto é, um princípio ético-moral constitutivo das relações sociais, pois leva cada pessoa a responder pelo bem ou pelo mal, tanto seu quanto dos demais membros da (sua) coletividade.

²¹ M. VIDAL, *Para compreender la solidaridad*, 12.

²² M. EWALD. *Solidarieté*, 1434.

²³ M. EWALD. *Solidarieté*, 1440.

²⁴ O. van NELL-BREUNING, *Solidarismo*, 727.

²⁵ Para Reinhold ULLMANN (*O Solidarismo*, 37-55), o ser humano é conaturalmente um ser solidário, por razões internas e externas, por indigência (sem os outros não sobrevive) e por superabundância (necessidade de comunicar e de ser-para-o-outro), isto é, ele dispõe de uma socialidade centrípeta (receptiva) e de uma socialidade centrífuga (oblativa) que formam o *humanum* por excelência.

1.1.2

O emergir da solidariedade na teologia

No âmbito das ciências teológicas propriamente ditas, o termo solidariedade tem uma existência ainda mais breve que na linguagem filosófica. Não faz ainda meio século que o termo solidariedade passou a fazer parte dos vocabulários teológicos e constar nos dicionários²⁶, não obstante seu uso em textos religiosos, evidentemente, seja anterior. Sua compreensão na teologia é, da mesma forma que nos dicionários de língua, polissêmica, nada uníssona. É freqüente encontrá-lo como sinônimo de misericórdia, de compaixão, de amor, de caridade, de amor misericordioso, de amizade, de justiça etc. Ou ainda na acepção de vínculo ontológico ou vínculo espiritual (nossa solidariedade no pecado de Adão, na redenção de Cristo; na comunhão dos santos; na Igreja como corpo de Cristo). E a solidariedade é, sobretudo, abordada como virtude, ao invés de sê-la como um modo antropológico configurador.

Atualmente é presença quase obrigatória em, praticamente, todas as áreas da teologia, o que, porém, não significa que sua presença seja sempre constante²⁷. Como tema teológico, propriamente dito, sua história não ultrapassa duas décadas. E ainda tem que nascer uma verdadeira “teologia da solidariedade”, reconhece Marciano Vidal²⁸, embora, em razão dos profundos conflitos oriundos das desigualdades e injustiças sociais atuais, certamente vivamos “o tempo da solidariedade”²⁹.

²⁶ Um dos primeiros dicionários de teologia, talvez, a reportar o vocábulo é o *Dizionario di Teologia Pastorale* elaborado sob a coordenação de DE GRECCO, de 1962. Mas isso não significa que a partir dessa data esteja presente em todos. Não reportam o verbete, por exemplo, o *Dizionario Teologico* em três volumes de H. FRIES e J. RIVA, de 1968; o *Dizionario Enciclopedico di Teologia Morale*, coordenado por L. ROSSI e A. VALSECHI, de 1974; o *Nuovo Dizionario di Teologia*, de G. BARBAGLIO e S. DIANICH, de 1977; a Enciclopedia di Teologia – *Sacramentum Mundi*, organizada por K. RAHNER, em 7 volumes, de 1977; o *Dizionario di Teologia Fondamentale*, organizado por R. LATOURELLE e R. FISICHELLA, de 1990, etc.

²⁷ Apenas como ilustração, o recente *Dizionario Teologico El Dios Cristiano*, organizado por X. PIKAZA e N. SILANES (Salamanca, Secretariado Trinitário, 1993), que pretende apresentar uma nova visão da teologia, não o inclui no elenco de seus verbetes. O *Diccionario Franciscano* (E. CAROLI) também desconhece o verbete.

²⁸ M. VIDAL. *Para comprender la solidaridad*, 31. A afirmação do autor é, sem dúvida, verdadeira. Como resposta, porém, já podem ser indicadas breves mas abrangentes reflexões, tal como “*Renacer para a Solidariedade*” de V. CODINA, de 1984, que pode ser vista como uma tentativa de leitura da eclesiologia desde esta perspectiva da solidariedade.

²⁹ V. SALVADOLI. *O Evangelho da solidariedade*, 168. Segundo esse autor, as primeiras décadas do cristianismo se caracterizaram pela comunhão dos bens. Depois surgiu a sensibilidade pelo testemunho/martírio pela fé. Uma vez a Igreja unida ao Estado, os cristãos passaram a estimar a “*fuga mundi*”. Na Idade Média foi o testemunho da pobreza (movimentos pauperísticos). No tempo das descobertas das novas terras, houve o fascínio pela salvação dos gentios nas missões junto aos povos nos novos continentes. E o século XX parece passar a caracterizar-se como o

1.1.3

O emergir do tema no Ensino Social da Igreja

O Ensino Social da Igreja ou, segundo outros, a Doutrina Social da Igreja, apenas acompanhou o movimento geral da história, apesar de dizer-se guardião da verdade do Evangelho de Jesus Cristo, que se resume no “mandamento do amor a Deus e ao próximo” (Mt 22,37-38). Nos documentos oficiais da Igreja a palavra “solidariedade” começou ser empregada na *Quadragesimo Anno* de Pio XI, em 1931. Depois, João XXIII a utilizou na *Pacem in Terris* (1963), Paulo VI na *Populorum Progressio* (1963) e na *Octagesima Adveniens* (1971), João Paulo II, sobretudo, na *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e na *Centesimus Annus* (1991)³⁰.

Assim como já estava presente nos textos do II Concílio do Vaticano³¹, também nos documentos do Episcopado Latino-Americano que buscava

“tempo da solidariedade”, pois não há outros mundos longínquos a descobrir, mas sim a necessidade de uma conscientização de quem está ao nosso lado!

³⁰ João Paulo II coloca a categoria da solidariedade no núcleo de sua proposta ética para a sociedade atual, como um dos princípios basilares de sua concepção cristã de organização social e política. Para esse papa a solidariedade representa aquilo que a justiça social representou para seus antecessores. Mas além dos papas, outras comissões da Igreja Romana lhe fazem referência. Assim o documento *A Serviço da Comunidade Humana* da Comissão Pontifícia “Justiça e Paz” faz amplo uso da categoria ética da solidariedade. Da mesma forma a Instrução *Liberdade cristã e Libertação*, da Congregação para a Doutrina da Fé, dedica os parágrafos 89-96 à promoção da solidariedade, partindo da afirmação de que “a solidariedade é uma exigência direta da fraternidade humana e sobrenatural”.

³¹ O Vaticano II usa quatro vezes o termo latino *solidarietas*. Em duas vezes (AA 8; GS 32) como princípio teológico derivado da Encarnação e, ao mesmo tempo, como categoria soteriológica; e duas outras vezes (GS 57 e AA 14) como princípio ético. E uma vez emprega o adjetivo solidário (*solidarius*). Porém em muitas outras passagens faz referência à necessidade de solidariedade, mesmo sem utilizar o termo, como por exemplo em GS 30, 46, 75, 90; AG 21 etc. Vale a pena ter aqui presente, a nosso aviso, o texto mais rico, que se encontra na GS 32: “Como Deus não criou os homens para viverem isoladamente mas formarem uma união social, assim também Lhe ‘aprouve... santificar e salvar os homens não individualmente, excluindo qualquer conexão mútua, mas constituí-los em um povo, que O reconhecesse na verdade e O servisse santamente’. Desde o início da história da salvação Deus escolheu os homens não como indivíduos somente, mas como membros de uma comunidade. Revelando o seu plano, Deus chamou esses eleitos de ‘seu povo’ (Ex 3, 7-12). Além disso, selou com esse povo uma aliança no Sinai. Esta índole comunitária por obra de Jesus Cristo é aperfeiçoada e consumada. O próprio Verbo Encarnado quis participar da comunidade humana. Esteve presente às bodas de Caná, entrou na casa de Zaqueu e assentou-se à mesa com publicanos e pecadores. Revelou o amor do Pai e a exímia vocação dos homens evocando as realidades mais comuns da vida social e usando locuções e imagens inteiramente tomadas da vida cotidiana. Santificou as realidades humanas, sobretudo as familiares, das quais derivam as relações sociais. Voluntariamente se submeteu às leis de Sua pátria. Quis levar a vida de operário própria de Seu tempo e de Sua região. Na sua pregação claramente ordenou que os filhos de Deus se tratassem mutuamente como irmãos. Em sua oração pediu que todos os seus discípulos fossem ‘um’. Bem mais. Ele próprio, até à morte, ofereceu-se por todos como Redentor de todos. ‘Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos’ (Jo 15,13). Mandou seus apóstolos pregarem a mensagem evangélica a todos os povos, para que o gênero humano se tornasse a família de Deus, na qual a plenitude da lei seria o amor. Primogênito entre muitos irmãos, depois de Sua morte e de Sua ressurreição, pelo dom de Seu Espírito, Ele instituiu

implementar o Concílio na realidade concreta de nosso continente de opressão e exclusão social, o termo foi recebendo sempre um emprego mais freqüente. Assim, nas Conclusões de Medellín (1968), aparece 23 vezes o verbete “solidariedade”, 6 vezes o adjetivo solidário e 3 vezes o advérbio solidariamente. Em Puebla (1979), o substantivo “solidariedade” se encontra novamente 23 vezes, mas o adjetivo solidário sobe para 18 vezes e duas vezes o verbo solidarizar-se. E, no mais recente documento, o de Santo Domingo (1992), o substantivo sobe para 32 vezes³².

Também o Catecismo da *Igreja Católica Romana*, de 1992, menciona este termo inúmeras vezes, mas com uma ampla gama de acepções³³, sem preocupação alguma com seu maior aprofundamento e delimitação.

1.1.4

O emergir do termo na Escritura

Assim como nas várias áreas da teologia e da espiritualidade, o verbete, alvo de nossa observação aqui, foi se tornando sempre mais freqüente nas últimas décadas nos comentários bíblicos, certamente resultado da maior consciência que a humanidade cristã também foi tomando da mútua interdependência social, cósmica e, por que não, espiritual de toda a realidade. Mas como poderia estar presente o termo no texto bíblico, concluída há quase dois milênios?

entre todos aqueles que o recebem pela fé e pelo amor, nova comunidade fraternal, em seu corpo, que é a Igreja. Nele todos, membros uns dos outros, segundo a diversidade de dons que lhe são concedidos, devem ajudar-se mutuamente. Esta solidariedade deverá crescer até o dia de sua consumação. Neste dia, os homens salvos pela sua graça, como família amada por Deus e por Cristo Irmão, darão perfeita glória a Deus”.

³² F. MORÁS. *Evangelização*, 127-145. O autor ressalta as motivações do tema da solidariedade nestes documentos do episcopado latino-americano: as razões cristológicas (encarnação; paixão e morte na cruz; Filipenses 2, 6-11; 2Cor 8,9). E na conclusão do item, à página 145, afirma: “Para que a fé do cristão manifeste o verdadeiro seguimento de Jesus, ela deve inspirar-se nos conteúdos do anúncio e da prática de Jesus, ser visibilizada no comportamento histórico, manifestar-se sobretudo na opção preferencial e solidária pelos pobres, visto que esta opção corresponde ao próprio modo de ser do Deus de Jesus Cristo”.

³³ De fato, o *Catecismo da Igreja Católica* lida com um conceito diversificado de solidariedade. Por ex. aos n. 1942 e 1948 trata da solidariedade como uma “*virtude*” eminentemente cristã. Ao n. 1939 já concebe a solidariedade como “*amizade*” ou “*caridade social*”. Em outro momento, ao n. 1849, define o pecado como um “*atentado à solidariedade humana*” no sentido de quebra de comunhão, o que suporia sua compreensão como *modo de ser* e não apenas como virtude. Mais adiante, ao n. 2.850 tratando do corpo de Cristo e da comunhão dos santos entende a solidariedade como *princípio teológico* inerente à vivência da fé, isto é, o cristão vive sempre uma solidariedade no bem e na graça, mesmo sem nunca ter pensado nisso, como decorrência do mistério salvífico (aqui lida com o conceito de solidariedade ontológica e espiritual, e não aquela que é fruto da liberdade e da opção). E finalmente, ao n. 1940, fala da solidariedade como princípio ético-social

Se o exegeta José Luís Sicre, num primeiro momento, parece negar a existência da solidariedade na Bíblia³⁴, depois, na prática, apresenta, segundo o Gênesis, as quatro rupturas da solidariedade primigênia (a solidariedade entre homem e mulher, entre irmãos - Caim e Abel -, entre o povo – torre de Babel -, e entre Deus e a humanidade) e a reconquista dessa solidariedade através dos patriarcas. O Êxodo, para Sicre, é o testemunho da solidariedade de Deus e de Moisés com seu povo escravizado; os decálogos da aliança, um esforço para garantir solidariedade; os profetas primam por denunciar a radical insolidariedade. Isaías 58,7 (fechar-se ao pobre é fechar-se à sua própria carne) é destacado por comparar o próximo com a “própria carne”. Conclui o artigo com o belo pensamento de que o “modelo definitivo de solidariedade é Deus que se põe incondicionalmente do lado dos fracos”, como afirma Eclo 34, 14-21.

Segundo Johan Konings³⁵, de fato, não há na Bíblia um termo que possa ser traduzido, especificamente, por solidariedade. O mais próximo é *hésed*, entendido como piedade, misericórdia, favor, graça, amor, amizade, compaixão. Porém, não por solidariedade na acepção mais corrente do termo. Todavia, por serem lugares comuns na visão bíblica, a teologia da “satisfação vicária”, a personalidade coletiva, o corpo místico, a comunhão em Cristo entre os cristãos, a participação nos sofrimentos dos outros, o princípio do goelato, a culpa coletiva e a culpa hereditária etc, mesmo aqueles que não reconhecem a presença da palavra, aceitam a existência, de uma forma ou outra, do conceito de solidariedade³⁶. É um conceito tão nuclear que se apresenta como o verdadeiro “coração da ética bíblica”, na feliz expressão de J. Konings³⁷. A solidariedade (*émet*), para o autor,

de empenho por uma ordem social mais justa. Essa diversidade de compreensões de solidariedade pode gerar confusões

³⁴ José Luis SICRE, *La solidariedad*, 273: “A solidariedade é um conceito que não existe na Bíblia, e que melhor seria substituí-lo pelo de fraternidade”. Mas depois ele a desenvolve como uma das chaves de compreensão do AT. Por isso, a leitura que Francisco MORÁS (*A evangelização*, 147) faz deste artigo está desfocada.

³⁵ Johan KONINGS (*Solidariedade, coração*, 89-91), não mencionando o estudo de Simão Voigt, nem a tradução bíblica da Vozes, afirma que não há na Bíblia um termo que se traduza por solidariedade. O mais próximo seria *hésed*, cujos sentidos poderiam ser: piedade, misericórdia, favor, graça, amor, amizade. O autor indica, como elemento semântico principal de *hésed*, a “benevolência ou a bondade gratuita, estável e fiel e, muitas vezes, ao menos virtualmente, recíproca”.

³⁶ Francisco MORÁS (*Evangelização*, 146-154) apresenta uma bela síntese desse processo de inclusão do conceito e da palavra solidariedade na Bíblia.

³⁷ J. KONINGS (*Solidariedade, coração*, 89-99) retém que um possível conceito de solidariedade na Bíblia é o resultado da soma de aspectos de conceitos dos seguintes termos hebraicos: *émet* (verdade, autenticidade), *sedaká* (justiça, fidelidade), *mishpat* (direito, integridade), *berit* (aliança),

se apresenta como proposta de seguimento da prática do próprio Deus, resumida na tão conhecida frase: “Sede santos, porque eu sou santo” (Lv 19,2), mandato retomado por Jesus no Sermão da Montanha (Mt 5,48)³⁸, mudando o termo “santo” por perfeito.

Mas, se até poucas décadas a presença da palavra solidariedade (ou o adjetivo solidário) era impensável nos textos bíblicos, a “Bíblia Sagrada”, tradução da Editora Vozes, editada em 1982, já incorporou um estudo de Simão Voigt³⁹ que vê claramente a presença desta palavra, ao menos, em cinco passagens paulinas, ainda que numa acepção específica de Paulo: Rm 5,14; 6,5 e 8,3; Fl 2,7 e Hb 2,17⁴⁰. Nas primeiras três citações, Paulo discorre sobre nossa solidariedade quer com o pecado de Adão (pecado original), quer com a redenção de Cristo. É a compreensão de solidariedade no sentido de “solidarismo objetivo intencionado e produzido por Deus”⁴¹. Esta visão de solidariedade presente nos mencionados versículos, geralmente traduzidos por “semelhança”, parece-nos que tornaria o texto, assim como para o próprio autor, muito mais inteligível e prático para nós.

ahabá (adesão afetiva e efetiva) e *rahamim* (amor visceral, compaixão entranhada). Mas um termo que possa ser equivalente direto não existe na linguagem bíblica, segundo o autor.

³⁸ Todavia Lc 6,36 prefere seguir outra tradição bíblica que apresenta Deus como “compassivo” (Ex 34, 6; Dt 4, 31; Jl 2, 13; Jn 4, 2; Sl 103, 8 etc.

³⁹ Simão VOIGT, *Homoiôma*, 5-18. O autor, partindo da citação que está no título que emprega a palavra grega *homoiôma*, apresenta um interessante estudo para demonstrar que a palavra “semelhança”, geralmente utilizada pela sua tradução, não corresponde ao sentido original paulino. Por isso ele pleiteia a substituição por solidariedade como teria sido o uso até o quarto século, originada na versão dos LXX, onde a palavra ocorreria 41 vezes. Foi na era pós-patristica que o termo perdeu o específico paulino para assumir a concepção da linguagem corrente de “semelhança”.

⁴⁰ Para facilitar o leitor, eis a transcrição destes versículos: a) Rm 5,14: “No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, também sobre os que pecaram em virtude de sua *solidariedade* com a transgressão de Adão, que é tipo do futuro”. Rm 6,5: “Pois se estamos *inseridos na solidariedade* de sua morte, também o seremos na *solidariedade* de sua ressurreição”. E Rm 8,3: “O que era impossível pela Lei, enfraquecida por causa da carne, Deus o fez: Enviando seu próprio Filho em *estado de solidariedade* com a carne do pecado e, em vista do pecado, condenou o pecado na carne”. Fl 2,7: “Mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo, *tornando-se solidário* com os seres humanos”. Hb 2,17: “Por isso, *convinha que em tudo fosse solidário* com seus irmãos, a fim de ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas de Deus, para expiar os pecados do povo”. (grifo nosso)

⁴¹ Simão VOIGT (*Homoiôma*, 11): “Diante disso, é quase supérflua a observação seguinte, destinada a prevenir expressamente uma acepção demasiadamente nossa de ‘solidariedade’ no sentido de uma disposição ou decisão subjetiva: *eu me faço solidário com outros*; o sujeito eficiente de tal solidariedade é o próprio homem solidário. Seria um erro entender preponderantemente assim o conceito paulino de solidariedade, já que o apóstolo, pensando em categorias objetivas o plano divino, diz no *homoiôma* primariamente esse *objetivo estado* de solidarização ou solidarismo”. (grifo do autor)

Numa outra acepção de solidariedade como partilha dos bens, de ajuda nas necessidades e como participação na realidade dos outros, a *Bíblia do Peregrino*, (edição portuguesa de 2002, do original espanhol de 1997 que supomos utilize a mesma palavra), traduzida e comentada por L. A. Schökel, emprega o termo ao menos em quatro momentos: Rm 12,13; At 2, 42; 2Cor 9,13; e Hb 13,16⁴². De modo que essa presença do termo já é um bom começo. Pode ajudar a tomar consciência deste modo de ser que, de fato, caracteriza o modo de ser do próprio Deus.

Porém cabe aqui uma pequena observação. Se nos congratulamos com o fato de que o termo solidariedade começa a integrar o vocabulário bíblico, chamamos a atenção desde já para o fato de que nenhuma das duas acepções de solidariedade, por certo válidas, será aquela que assumiremos como conceito específico de solidariedade para nossa investigação. Interessa-nos a solidariedade como opção de vida pelo pobre e marginalizado como expressão do modo de ser de Deus como expressão do modo de ser de Deus e não a participação ontológico-espiritual ou a partilha dos bens, presentes aqui nestas traduções bíblicas.

1.1.5

O emergir desta abordagem no franciscanismo

No âmbito do franciscanismo, mesmo se o Dicionário Franciscano não o registra, já são mais de duas décadas que a temática vem sendo abordada entre outros por J. Bórmida, M. Hubaut, H. Chaigne etc. em pequenos artigos⁴³ e *en passant* por vários outros⁴⁴. Todavia, não nos parece que seja uma temática vista como determinante ou, ao menos, como muito significativa, para os franciscanos

⁴² Para facilitar o leitor, eis a íntegra desses versículos: Atos 2,42: “Eram assíduos em escutar o ensinamento dos apóstolos, na *solidariedade*, na fração do pão e nas orações”. Rm 12,12-13: “Alegrai-vos com a esperança, sede pacientes no sofrimento, persistentes na oração; *solidários* para com os consagrados em suas necessidades, praticando a hospitalidade”. 2Cor 9,13: “Apreciando este serviço, darão glória a Deus por vossa confissão humilde do evangelho de Cristo e por vossa *solidariedade* generosa para com eles e com todos”. E por fim, Hb 13,16: “Não descuideis a beneficência e a *solidariedade*: tais são os sacrifícios que agradam a Deus”.

⁴³ Veja-se em : J. BÓRMIDA: *Minoridad y solidariedad*; em H. CHAIGNE: “*Il le vit e fut pris de pitié*”; em M. HUBAUT: *Solidarité... Solidaire de quois parle-t-on?* citados na bibliografia final.

⁴⁴ Entre os muitos outros que mencionam a solidariedade, embora não tenham abordado explicitamente essa questão em Francisco, podem ser citados L. Boff, F. Uribe, J. Micó, M. A. Lavilla Martín etc. Outros autores ainda (R. Manselli, G. Miccoli etc) tratam dessa mesma realidade sem caracterizá-la propriamente como solidariedade.

em geral⁴⁵. A ausência de um estudo mais denso desta temática dentro do franciscanismo se constitui em uma das razões da opção por esta presente investigação. Temos a impressão de que o franciscanismo esteve, talvez, preocupado consigo próprio no sentido de preservar uma identidade histórica, desde o externo, ao longo de todos estes séculos, mas que, provavelmente, agora, impellido pelo Espírito que se manifesta também por toda essa série de desafios sociais e cosmológicos que nos envolvem, o franciscanismo retome, de forma mais enfática, a busca da solidariedade como forma eminentemente evangélica de expressar a fraternidade com o todo ser humano, a partir do excluído social, e com toda a natureza, como já há algum tempo vem fazendo embrionariamente⁴⁶.

Percorridas assim as várias áreas do conhecimento religioso constatando nelas o aparecimento do termo e da temática da solidariedade, começaremos a observar os contornos de sua compreensão conceitual e antropológico-teológica. No primeiro momento, porém, já que muitas vezes encontramos a solidariedade como uma virtude, parece-nos importante confrontá-la com aquelas que, muitas vezes, são intercambiadas. Esse passo facilitará a compreensão de nossa temática.

1.2

A solidariedade comparada a outras virtudes afins

É importante aqui observar brevemente a solidariedade em relação a algumas virtudes que lhe são afins, por duas razões: em primeiro lugar, porque a palavra solidariedade é empregada, muitas vezes, com o sentido de *virtude* de uma

⁴⁵ Não se pode esquecer, todavia, o enorme esforço que todos os diversos ramos da família franciscana estão envidando no sentido de estimular seus respectivos membros para essa urgência dos nossos tempos. Os Frades Capuchinhos, por exemplo, realizaram ainda em 1984, o V Conselho Plenário da Ordem em Garibaldi, no RS, sobre a temática da Justiça, Paz e Ecologia em que essa realidade é amplamente abordada. Nas Constituições, renovadas alguns anos após, foram incluídos diversos parágrafos apelando para a urgência de resgatar o valor evangélico da fraternidade com o pobre e excluído (4,4; 12, 1-5; 46,3; 59,5; 60, 4-6; 11, 1-5 etc). O Ministro Geral, John Corriveau escreveu a Carta Circular de nº 15 sobre a “Solidariedade e Interdependência”, em 1999. Em 2000 houve um Encontro Geral da Ordem para tratar do tema “Fraternidade e Pobreza Comunitária”, no qual se recordava a necessidade de compartilhar a situação de necessidade do povo pobre. Para 2004 está sendo implementado um Conselho Plenário sobre a “Minoridade espiritual e social”, já precedido de um Congresso temático no *Pontificium Ateneum Antonianum* sobre a mesma temática. E inúmeras outras iniciativas.

⁴⁶ É forçoso reconhecer a existência, há mais de 10 anos do *International Franciscans Moviment*, com sede em Genebra e junto à ONU, que reúne recursos econômicos e humanos das várias Ordens Franciscanas com o objetivo de ser uma presença atuante junto a esse organismo que já tem por objetivo preservar e construir a paz, em base à justiça social, bem como defender a vida do planeta terra, tão ameaçada pelo atual modelo desenvolvimentista.

pessoa e não como modo próprio de ser, como princípio estruturante. Em segundo lugar, porque há uma semelhança muito grande com algumas virtudes e, ordinariamente, uma enorme imprecisão em sua nomeação. Uns, por exemplo, chamam “compaixão” o que aqui entendemos por solidariedade; outros, ao invés, empregam indiferenciadamente misericórdia, solidariedade e compaixão etc. O objetivo deste item, com tal procedimento, é tão somente realçar e ir clareando, aos poucos, a compreensão de solidariedade. Faremos isso de modo simples, sem um maior aprofundamento por ser algo ilustrativo e não essencial ao desenvolvimento do estudo. Passemos, de imediato, à primeira comparação ou confronto.

1.2.1

A solidariedade e a compaixão

Já vimos que a compaixão, antropológicamente, é uma irradiação do “cuidado” como modo humano de ser⁴⁷. A compaixão estaria associada ao termo “*Rahamim*”, cujo sentido poderia ser “comover-se desde as entranhas”. É a capacidade da pessoa humana afetar e ser afetada pela realidade circundante. Enquanto virtude, a compaixão pode ser entendida como a sensibilidade pelos outros, ou melhor, como a capacidade de se sensibilizar pela realidade do outro. Esta seria a condição para a caridade e a misericórdia. Há quem caracterize o modo de ser de Deus como um ser-compassivo. O mandato: “sede santos, porque eu, vosso Deus, sou santo” (Lv 11, 45; Ex 34,6; Dt 4,31), se torna mais inteligível quando compreendido como “Sede compassivos”, como faz Lucas⁴⁸. “Ser compassivo” como mandato do Senhor, significaria, na prática, “superar a

⁴⁷ Tanto a compaixão quanto a misericórdia, sobretudo, mas também as demais virtudes que serão confrontadas podem ser vistas não somente como virtudes, mas também como princípios estruturantes como fez Ernest Bloch com o “Princípio esperança”, ou L. Boff com o “Princípio da compaixão e do cuidado” ou, ainda, como Jon Sobrino, com o “Princípio Misericórdia”. Nesse caso a análise seria muito diversa. No entanto, aqui nos interessa o confronto apenas enquanto virtudes.

⁴⁸ A Bíblia TEB, em Lc 6, 36, em nota ao pé de página, observa que o termo grego “*oiktirmones*” poderia ser traduzido, de fato, por “sede misericordiosos”. E diz que “Lucas define, assim, a Deus como sendo ‘misericórdia’”. E a *Bíblia do Peregrino*, além de substituir diretamente o “sede santos” por “sede compassivos como vosso Pai é compassivo”, diz em nota de rodapé de Alonso Schökel, que esse é um dos títulos clássicos do Senhor que se repete em fórmulas litúrgicas: Ex 34,6; Dt 4,31; Jl 2,13; Jn 4,2; Sl 86,15; 103,8; 145,8. Mateus, porém, emprega aqui a palavra “sede perfeitos”, própria do vocabulário legalista judaico.

vivência puramente instintivo-natural, mediante um agir caracteristicamente humano⁴⁹, por sermos feitos à imagem e semelhança de Deus.

A solidariedade, comparada à compaixão, pode ser entendida como a exteriorização concreta desta sensibilidade pelo outro. Ela acrescenta à compaixão o *plus* de concretude e a liberta do risco de permanecer tão somente um mero sentimento.

Francisco emprega uma vez o termo “compaixão”, na sua forma verbal, no comentário ao Pai Nosso: “Compadecendo-nos dos outros em suas tribulações” (PPN 5).

1.2.2

A solidariedade e a misericórdia

Misericordioso é quem socorre o necessitado, plasticamente descrito por Jesus Cristo na figura do Bom Samaritano que se fez próximo do caído nas mãos dos salteadores e usou com ele de misericórdia (Lc 10, 25-37). Em latim, a palavra parece ser uma composição de três outras: “*miseri+cor+dat*”, vale dizer, dar o coração ao mísero, ou aproximar-se do miserável disposto a dar o melhor (o coração) de si. Jon Sobrino identifica a misericórdia como o modo mais específico de ser de Deus⁵⁰. E Gilvander Moreira, que em grande parte segue o pensamento de J. Sobrino, identifica a misericórdia como o segundo passo ou a concretização da compaixão⁵¹. Sem dúvida alguma, a misericórdia é um conceito muito afim à solidariedade. Porém, relacionando os dois, pode-se perceber no conceito de misericórdia a *ausência de um vínculo mais estável*. A misericórdia não supõe necessariamente constância, perseverança, compromisso duradouro. Ela é ato contínuo à compaixão e caminho para a solidariedade. Mas, de per si,

⁴⁹ Este é o pensamento-chave da obra *Compaixão, reflexões sobre a vida cristã*, de H. NOUWEN, D. MCNEILL e D. MORRISON, cujo objetivo é levar os cristãos a uma nova postura fundamental diante da vida e da fé.

⁵⁰ Jon SOBRINO, *O princípio misericórdia*. A relação entre as duas virtudes (ou também modos de ser), abordada pelo autor, confirma nossa compreensão, pois o capítulo nono desta sua obra (“Suportai-vos mutuamente”) tem por subtítulo: “Análise teológica da solidariedade cristã”. Quer dizer, Sobrino aprofunda a teologia da solidariedade dentro do campo semântico da misericórdia.

⁵¹ Gilvander MOREIRA, *Compaixão-misericórdia*, 86: “Comover-se com a dor do outro é o primeiro passo para a ação solidária, mas o segundo passo é a efetivação da prática misericordiosa. A ação solidária gratuita consome o atendimento do clamor por misericórdia. Não basta sentir com o outro. É preciso estar com o outro solidariamente. Isto gera um fluxo de energização mútua. Nesta ação de solidariedade não há um agente e outro paciente”. Para esse autor, que foi orientado na pesquisa por Carlos Mesters, parecem claros três níveis ou passos: primeiro, a

necessariamente, não faz supor a existência da reciprocidade. A misericórdia, neste sentido, é um movimento de uma única direção, apenas.

Francisco de Assis, nos seus escritos, usa 24 vezes essa palavra e, ao que parece, numa pluralidade de sentidos e aplicada a diversas circunstâncias, como esta do Testamento em referência aos leprosos “O Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive *misericórdia* com eles” (Test 2)⁵². O *Dicionário Franciscano*⁵³ reporta o verbete “misericórdia”, porém, o aborda na acepção de “perdão e compreensão”, praticamente desconhecendo nosso enfoque, que pareceria ser o mais significativo. Não há dúvida que ele mereceria um aprofundamento mais detalhado.

1.2.3

A solidariedade e a Comunhão

A comunhão é o estado de vida de quem vive uma “comum união”. Também pode ser a virtude que capacita duas ou mais pessoas a “sentir em comum” ou a “sentir-se em comum união com”. Nessa situação de comum união pode-se partilhar desde os bens materiais até os sentimentos, aspirações, projeto de vida, fé etc. É o termo que traduz a experiência de *koinonia*, de comum união, dos primeiros cristãos, descrita pelos Atos dos Apóstolos (2, 42-47 e 4, 32-37). A comunhão tem suas relações regidas pela co-responsabilidade e pelo serviço mútuo⁵⁴. Em relação à comunhão, a solidariedade se distingue por ser uma comunhão entre desiguais, ou com alguém difícil de se aproximar, por estar distante, ou mesmo por ser de difícil acesso, quando não repelente. A autêntica

compaixão; depois a misericórdia e, por fim, a solidariedade como um prolongar ou tornar a misericórdia duradoura.

⁵² Além do elevado número de vezes que utiliza esta palavra, observe-se que ela aparece em todos os gêneros de escritos de Francisco: uma vez nas Admoestações (27,6), duas vezes nas Regras (RNB 23,8; RB 7,2), uma vez no Testamento (Test 2); 9 vezes nas Cartas (1CtFi 28.29.43; CtMin 9.10.15); 9 vezes nas orações: (PPN 7; OfP 3, 4.11; 9,4; 11,9; 12,7.10; 13,5; 15,5). G. BOCCALI (*Concordantiae*, 548), que se vale de duas redações de uma carta a Frei Elias (espúrias) reporta mais três menções. Devido ao nosso limite de objetivo nos omitimos de fazer um estudo mais aprofundado, mas esse termo em Francisco mereceria ser “escutado” com maior carinho e, de antemão, pressentimos a possibilidade de que, em alguns momentos, como esse do Testamento, possa ser quase diretamente substituído por solidariedade.

⁵³ Ernesto Caroli, *Dicionário Franciscano*, 433-436. Lino Temperini, ao tratar deste verbete em Francisco de Assis no referido dicionário, não menciona que esta palavra “misericórdia” se encontra no Testamento, embora cite Clara de Assis e várias biografias e crônicas do século XIII, revelando assim a pouca importância atribuída a esta dimensão de vida em Francisco.

⁵⁴ M. VIDAL. *Para compreender*, 24.

solidariedade se dá entre sujeitos assimétricos; enquanto a comunhão, na maioria das vezes, *supõe condições mais ou menos homogêneas*, certa afinidade de vida.

O pobre, o leproso, o excluído, inicialmente, é alguém “insuportável de ver” como Francisco confessa (Test 1). Ao passo que a relação de comunhão supõe praticamente o contrário, isto é, um mínimo de familiaridade ou afinidade de circunstâncias que aproximam. É, por outro lado, verdade que o “ser solidário” acaba por estabelecer uma certa comunhão de vida, e daí a razão de sua mútua afinidade. Interessante que Francisco não faça uso deste termo uma única vez⁵⁵, valendo-se uma vez apenas do adjetivo “comum” (RB 8,4)⁵⁶, praticamente como sinônimo de comunidade. Aliás, neste sentido pode ser encontrado numa tradução italiana⁵⁷.

1.2.4

A solidariedade e a caridade

A caridade é a virtude pela qual alguém se doa a um outro, que vai ao encontro de outro, porque este lhe é, de alguma forma, significativo. Neste sentido complementa a justiça. É a desembocadura natural da solidariedade, para Piana⁵⁸. É o conceito que melhor explana o modo de ser de Deus, que é pura doação e gratuidade⁵⁹. Ou como diz São João: “Deus é amor” (1 Jo 4,16).

Sem dúvida alguma, este conceito de amor-caridade é muito próximo à solidariedade. A principal diferença, a nosso aviso, reside no fato de que também a virtude da caridade permite entender que o caridoso é o único sujeito como nas demais virtudes, ao menos na maneira ordinária e mais popular de falar. O outro,

⁵⁵ Se Francisco tivesse como modelo de vida a Igreja dos primeiros tempos como Jacques de Vitry, seu contemporâneo, parece afirmar, quer na Carta escrita de Gênova em 1216, quer na *Historia Occidentalis*, de quatro anos mais tarde, dificilmente teria deixado de utilizar um termo que tanto a caracteriza.

⁵⁶ Trata-se da passagem que fala da escolha de um novo ministro: “Se em qualquer tempo parecer à totalidade dos ministros e custódios que o dito ministro não seja idôneo para o serviço e *comum* utilidade dos irmãos, têm os ditos irmãos, aos quais cabe o direito de eleição, o dever de, em nome do Senhor, eleger um outro como custódio” (RB 8,4).

⁵⁷ K. ESSER, (*Gli Scritti*, 473) emprega aqui “*comunitá*” em lugar de “comum utilidade dos irmãos”.

⁵⁸ G. PIANA. *Solidarietà*, 979: “A solidariedade se transforma em instância ética, a qual implica, no seu interno, a estreita conjugação de justiça e caridade. (...) Mas a prática da justiça não basta. Faz-se mister ultrapassar a justiça, acolhendo as exigências que nascem da singularidade de cada pessoa e das dinâmicas mais profundas do desejo humano, mas sobretudo vivendo a relação com o outro segundo a lógica do dom. É como dizer que a solidariedade tem o seu desaguadouro na caridade, enquanto encontra nessa sua mais alta manifestação”.

⁵⁹ L. ROSSI. *Carità*, 89 em L. ROSSI e A. VALSECCHI. *Dizionario Enciclopedico di Teologia Morale*, Roma, 1976⁴, 89-100.

ainda que revestido de valor, na prática, aparece como objeto da ação. *Falta a noção de reciprocidade direta*, embora se afirme que “quem dá recebe em dobro”. O conceito, em si, de caridade não o inclui necessariamente. O movimento é unidirecional, tem mão única: vai de um sujeito a um destinatário, sem reciprocidade.

Francisco emprega 20 vezes a palavra caridade, também aqui, com uma gama variada de conotações, quer em referência a Deus ou mencionando-a como virtude⁶⁰. Aliás, a caridade é a única das cinco virtudes aqui abordadas que integra seu elenco no texto “Saudação às Virtudes”⁶¹. De nossa parte, parece-nos possível, quando Francisco fala da caridade de Deus ou em Deus⁶², traduzir-se, sem forçar o texto, também por solidariedade, já que esta última palavra não existia no vocabulário de então.

1.2.5

A solidariedade e a justiça (social)

“A justiça, segundo Marciano Vidal, é a grande ‘virtude’ e o grande ‘princípio’ da vida social”⁶³, mas assim mesmo não abarca todas as dimensões éticas da convivência entre os seres humanos. A justiça social pode ser entendida como a qualidade ou a virtude de quem age impelido por um dever ou por uma urgente necessidade, brotada da consciência de uma situação contrária ao projeto original ou a uma determinação comunitária. Seu objetivo consiste em recompor a harmonia inicial ou os direitos inerentes e inalienáveis da pessoa humana que tenham sido lesados. A justiça se desencadeia, portanto, a partir de um “ato de

⁶⁰ Nas Adm 11,2; 25,1; 27,1e RB 7,3 Francisco se refere ao amor aos irmãos, que implica respeito. Na RNB 5,14; 17,5; 22,26; 2CtFi 1, 31.87; CtOrd 12.31 e LDA 4. 6 ele está afirmando ou apresentando Deus como amor e caridade, argumento último para os irmãos procederem segundo a mesma dinâmica. Em 2CtF 30; RNB 9,9 fala da caridade em relação à esmola. Na SVi 3 e 13, evidentemente, fala dos efeitos da virtude da caridade.

⁶¹ A relação das virtudes neste texto de Francisco é *sui generis*: inclui a sabedoria que geralmente é vista apenas como dom do Espírito Santo, relacionando-a com a simplicidade; irmana a humildade com a pobreza quando a mentalidade da época a relacionava com a obediência; e confronta a caridade com a obediência, talvez, para dar a entender que a obediência recíproca e fraterna é uma maneira excelente de viver a caridade.

⁶² A perspectiva vale sobretudo para as seguintes citações: RNB 5,14; 17,5; 22,26; 2CtFi 1, 31.87; CtOrd 12.31 e LDA 4. 6. Nestas Francisco apela para a dinâmica de ser de Deus, para que os irmãos busquem segui-Lo.

⁶³ M. VIDAL. *Manual de teologia*, 234: “A justiça é a grande ‘virtude’ e o grande ‘princípio’ da vida social. Ela permite que, no contrato social, os sujeitos sejam considerados pessoas, isto é, sujeitos de valor em si e por si, livres e iguais. Ela introduz, sobretudo, o valor da igualdade na ordem social existente ou naquele que, por motivo da mesma igualdade, deve ser estabelecido”.

consciência”. Enquanto ato de consciência, ela pode acabar movida por um princípio racional, impessoal e genérico, transformando-se em força impostora ou em ideologia abstrata.

A *solidariedade pressupõe a justiça*, a reafirma e a complementa, e sem ela não pode funcionar. Mas *também a supera*, porque não age apenas em força de razões. Antes envolve o outro na afeição amorosa, criando laços pessoais que a justiça não pressupõe. Se a virtude da justiça social pode ser fria e sem nome, a solidariedade jamais se afasta do calor humano do outro. Além disso, assim como as virtudes anteriores, a justiça não supõe necessariamente a reciprocidade.

Francisco, cujo senso de justiça é extremamente aguçado, não se move por ideologias nem por um abstracionismo legal. É sua característica ser sempre concreto e caloroso. Nos escritos desse santo do amor, surpreendentemente, o termo “justiça” aparece 10 vezes, das quais sete em relação à justiça de ou em Deus (LDA 4; OfP 6,16; 7,11; 9,3; 11,6; 12,1; REr 4), duas vezes citando a oitava bem-aventurança (RNB 16,12; RB 10, 11) e uma vez falando que a “esmola é uma herança e uma justiça (direito) dos pobres, conquistado por Nosso Senhor Jesus Cristo” (RNB 9, 8), expressão que a nosso ver aponta evidentemente para a solidariedade. E, como bem mostram seus biógrafos, seu senso de justiça é movido concretamente pela compaixão para com as pessoas ou para com Deus de quem busca traduzir sua maneira de agir.

Outras virtudes poderiam ser confrontadas, mas cremos não ser necessário, uma vez que as virtudes aqui observadas são suficientes para nosso objetivo de ajudar na compreensão do conceito de solidariedade que pretendemos assumir para o presente estudo.

Como *observações finais* deste item parece importante observar: a) Uma nota comum a todas as virtudes é sua origem num sujeito e seu término num destinatário. Elas, nesse sentido, são adequadas para a linguagem da antropologia grega clássica, onde vale sobretudo a *compreensão individualista* dos fatos e dos atos de pessoa humana⁶⁴. O virtuoso continua, no fundo, preocupado consigo

⁶⁴ G. PIANA (*Solidarietà*, 979) dá um exemplo muito pertinente e ilustrativo desta compreensão individualista da pessoa, do mundo, da vivência espiritual, da fé etc: “Uma irmã que se dedicasse à assistência das crianças abandonadas ou um missionário empenhado no confronto com os infiéis nas terras longínquas, do ponto de vista das virtudes, podem ser vistos como testemunhos do cumprimento de um dever sugerido exclusivamente pela sua vocação pessoal. Sua ação poderia não ser considerada como uma exigência de solidariedade cristã que se impõe pela urgência e indigência de fora e diante da qual todos temos uma responsabilidade”. Gustavo GUTIÉRREZ

mesmo. Por isso, as virtudes necessitariam ser redimensionadas para a nova visão antropológica hodierna, que, lentamente, começa se consolidar na história; b) As virtudes, praticamente, não permitem captar a dimensão de *reciprocidade* ou *circularidade*, nota constitutiva da solidariedade. São atos de uma mão só. Mesmo quando o doador reconhece que, de alguma forma, saiu enriquecido de sua ação misericordiosa ou caridosa, atribui esse crescimento ao resultado de sua ação sobre suas tendências naturais e não advindo da riqueza do outro protagonista; c) Por fim, as virtudes podem ser vistas como momentos isolados, mesmo se muito repetidos. *A pessoa virtuosa não vivencia vínculo algum*. Não lhes é essencial a continuidade, o vínculo constante. Enquanto ela se considerar o protagonista da ação e os outros apenas destinatários ou receptores será praticamente impossível a formação do vínculo. Estes três aspectos parecem ser os mais significativos na diferenciação das virtudes em relação à solidariedade vista como “modo humano de ser”, um modo estrutural e configurador da existência humana.

Passemos, pois, antes de entrar propriamente no campo da reflexão teológica, a acenar brevemente para o novo horizonte da antropologia filosófica e teológica, onde a solidariedade como princípio configurador da existência humana encontrará seu verdadeiro *habitat* de existência.

1.3

A nova visão antropológica, suporte da solidariedade

A compreensão da solidariedade como modo de ser humano supõe uma antropologia filosófica bem diversa da antropologia clássica greco-escolástica tradicional, que vê a pessoa humana como uma “essência”, uma “individualidade”, uma *ultima solitudo entis*, uma mônada no universo, um ser isolado que, forçosamente, entra em relação com os outros, mas que, de per si, é autônomo e suficiente. Neste horizonte antropológico grego, cada qual é responsável apenas por seus atos. “Aquilo que acontece fora de seu âmbito

(*Beber no próprio poço*, 15-22) aponta três defeitos para a espiritualidade tradicional: o individualismo, cuja expressão eloqüente poderia ser o famoso lema “Salva tua alma”; o elitismo, enquanto se buscou inculcar no povo a espiritualidade própria de grupos (por ex. a espiritualidade das várias escolas espirituais) e o intimismo, colocando a vivência da fé e do evangelho na dimensão interior, desconectada de toda a relação com o caminhar concreto da história, da qual todos somos sujeitos.

peçoal pode, ao máximo, solicitar-lhe um gesto de caridade, mas não apela minimamente para a sua responsabilidade”⁶⁵.

Essa concepção antropológica pode fundamentar, como reconhece A. García Rubio, o sistema capitalista e neoliberal, mas não uma humanidade solidária entre si e com o planeta terra⁶⁶. O logocentrismo (a capacidade racional) característico da antropologia clássica, anula e impede o florescimento da sensibilidade, da intuição e da capacidade de comunhão com a realidade. O dado antropológico que lhe é anterior, denominado *pathos*⁶⁷, fica abafado, e até, totalmente negado. A cultura dos astecas, que desconhecia totalmente o pensamento dos gregos clássicos, definia o ser humano como “alguém dono de um rosto e um coração”⁶⁸, e não de uma racionalidade.

Na nova perspectiva antropológica, que pode servir de base para a inteligência da solidariedade, encontramos a pessoa humana, vista como um “nó-de-relações”, que vive, sem perder sua autonomia pessoal, uma interdependência profunda com a realidade circundante e, em consequência disso, é co-responsável também por tudo quanto acontece ao seu redor. O “Eu sou eu e minhas circunstâncias” de José Ortega e Gasset é uma das primeiras manifestações dessa nova percepção antropológica, aprofundada por Gabriel Marcel, Martin Buber, Martin Heidegger, Emanuel Lévinas e outros. Para estes, são as relações sociais, definitivamente, que constituem a verdade do ser humano, ser não só social, mas, acima de tudo, relacional.

Martin Heidegger, filósofo alemão, define o ser humano como “cuidado”. A pessoa humana não se caracteriza por uma essência (isto é, a racionalidade dos gregos), mas sim por um modo-de-ser, um modo-de-ser-no-mundo. Vale dizer, a

⁶⁵ GOFFI, T. *Solidarietà*, 1264.

⁶⁶ A. GARCÍA RUBIO, *Unidade na pluralidade*, 449: “O capitalismo e o neoliberalismo econômico e sócio-político supõem uma antropologia do sujeito isolado dos outros e fechado em si próprio. Supõe uma antropologia visceralmente penetrada pela vontade de poder que leva o indivíduo a dominar os outros para se auto-afirmar”.

⁶⁷ L. BOFF (*Princípio de compaixão*, 12) sustenta que o dado original do ser humano não é o *logos*, a razão, mas sim o *pathos*, o sentimento, a capacidade de simpatia, de com-paixão, de dedicação e de cuidado com o diferente. Tudo começa com o *pathos* (sentimento). Mais do que o “*cogito, ergo sum*”, vale o “*sentio, ergo sum*”.

⁶⁸ Segundo Leonardo BOFF (*Saber cuidar*, 122) a “cultura náhuatl dos Astecas (México) define o ser humano não como um animal racional, mas sim como ‘alguém dono de um rosto e um coração’. O rosto identifica e distingue os seres humanos de outros seres humanos. Pelo rosto o ser humano se relaciona eticamente com o outro. No rosto fica estampado se o acolhemos, se dele desconfiamos, se o excluímos. O coração, por sua vez, define o modo-de-ser e o caráter da pessoa, o princípio vital donde provêm todas as suas ações”.

pessoa humana é uma maneira do próprio ser se estruturar e dar-se a conhecer. “Em sua essência, ser-no-mundo é *cuidado*: ao mesmo tempo atenção e zelo pelo outro. ‘Do ponto de vista existencial, o cuidado é um *a priori*: está antes de toda atitude e situação do ser humano, o que significa dizer que ele se acha em toda a atitude e em toda a situação humana de fato’. (...) O cuidado significa, então, uma constituição ontológica sempre subjacente a tudo o que o ser humano empreende, projeta e faz”⁶⁹.

É certamente pressupondo tal compreensão do ser humano que García Rubio coloca o “encontro” como condição de ser da vida humana, pois ele nos faz perceber como protagonistas solidários, que aceitamos a co-humanidade como uma realidade constitutiva do ser humano e não como algo acidental⁷⁰.

O filósofo judeu-cristão, Emanuel Lévinas, que passou pela experiência do campo de concentração nazista, avança, com sua “filosofia da alteridade”, mais um significativo passo nesta perspectiva. Não apenas o ser humano se caracteriza por ser-no-mundo-com-os-outros como cuidado em relação a tudo, mas por ser feito à imagem e semelhança de Deus e colocado no jardim para cuidá-lo (Gn 2, 15), a existência humana não é mais neutra, mas assume uma responsabilidade, um agir ético frente a toda a outra realidade, e mais ainda frente a todo o outro pobre, (este sempre será um apelo ético). Lévinas menciona, para esclarecer, as três categorias bíblicas de pobre: o estrangeiro, o órfão e a viúva como categorias

⁶⁹ M. HEIDEGGER, *Ser e tempo*, 41-42, *apud* L. BOFF, *Princípio de compaixão* 14-16 (também em *Saber cuidar*, 90). Este último autor entende que o cuidado é a constituição ontológico-existencial mais original do ser humano. A *compaixão* seria uma das concretizações e irradiações do cuidado. Por sua vez, a *compaixão* é a capacidade de com-partilhar a própria paixão com a paixão do outro. Ela faz sair de si mesmo e do seu próprio círculo e entrar no universo do outro enquanto outro, para sofrer com ele, para cuidar dele, para alegrar-se com ele e caminhar junto a ele e para construir uma vida em sinergia e solidariedade. Esta compreensão é patrimônio da experiência religiosa da humanidade. Assim, a com-paixão (*karuna*), como desapego total do mundo e cuidado essencial com o mundo, é a contribuição maior do budismo à humanidade. Já o hinduísmo apresenta, praticamente com as mesmas características, a *ahimsa* (“não machucar”) como atitude radical de não-violência. No taoísmo temos o “*Wu Wei*” (“não fazer”) no sentido de não interferir na dinâmica da natureza nem na história do outro. E no judeu-cristianismo encontramos a “*rahamim*” (ter entranhas sensíveis), mediante a qual a pessoa sente a realidade do outro e com ela se identifica (faz própria).

⁷⁰ A. GARCÍA RUBIO, *Unidade na pluralidade*, 452-455. Nestas páginas o autor qualifica o “encontro” por quatro condições ou passos: a) Encontrar-se é olhar-se nos olhos e, conseqüentemente, reconhecer-se como dois protagonistas livres e autônomos; b) Comunicar-se (falar ao outro) revelando a própria realidade e, por sua vez, sabendo escutar e acolher a realidade do outro; c) Saber entre-ajudar-se na prática, segundo os apelos que brotam da realidade emergida na comunicação; e d) Assumir voluntária e livremente que apenas somos humanos quando aceitamos que a co-humanidade seja uma realidade constitutiva do ser humano e não algo acidental.

diante das quais é impossível omitir-se. Por isso se diz que ele rompeu com a “filosofia do neutro”⁷¹. Juvenal Arduini expressa essa perspectiva de Lévinas dizendo que “o que o ‘ser’ é para Heidegger, o ‘outro’ é para Lévinas”, e por isso a “face do outro é seu ser-exposto”⁷². Ou como se expressa Bondolfi: segundo Lévinas, o pobre obriga reconhecer que estamos em “situação de pecado” e problematiza a existência da “solidariedade vista como qualidade conatural”⁷³. Deduz-se, então, que o conceito ético de Lévinas está diretamente inspirado no conceito veterotestamentário de “justiça” que vê nela, acima de tudo, uma manifestação da fidelidade de Javé para com seu povo. Esta fidelidade funda a solidariedade e exige da pessoa de fé um comportamento que lhe corresponda em relação ao necessitado e marginalizado.

Aliás, Alberto Bondolfi afirma que, em Lévinas, “a própria subjetividade da pessoa humana é percebida como caráter ético. A responsabilidade nos confrontos com o outro não é uma dimensão decorrente ou um acréscimo ao sujeito, mas sim constitutiva e contemporânea à pessoa humana. Na relação eu-tu surge uma dupla responsabilidade: a minha em relação ao outro e contemporaneamente em relação à responsabilidade do outro”⁷⁴.

Segundo A. García Rúbio, o teólogo, “Karl Barth, aponta, baseado em Jesus Cristo, paradigma de pessoa humana, a coexistência e a co-humanidade como a forma fundamental da condição humana”⁷⁵. A coexistência, o *ser-com* os

⁷¹ Juvenal ARDUINI, *Antropologia*, 108: “Lévinas deixou-nos vigorosa herança filosófica sobre o significado e sobre a dignidade do outro. Reivindicou obstinadamente lugar inalienável para o outro, que é ‘traço de Deus’. “Seu pensamento contém o apelo candente da ética e da responsabilidade por nossa época. (...) Lévinas rompeu com a filosofia do neutro. E convida-nos a definir-nos”.

⁷² Juvenal ARDUINI (*Antropologia*, 107) diz mais: “A face é a nudez do outro, é o ser-exposto do outro”. E mais abaixo na mesma página: “Ser outro é mandamento, é apelo à responsabilidade. É minha responsabilidade perante a face que me olha”.

⁷³ Alberto BONDOLFI, *Aspetti ético-sociali*, 123: “A ética de Lévinas nos recorda a dimensão teológica e antropológica de todo o olhar que o pobre nos lança e que nos faz perceber nosso constitutivo “estar em pecado”. Esta visão assim desencantada é o justo prelúdio para a problematização da própria solidariedade, vista como qualidade conatural”. Embora a partir do ponto de vista psico-antropológico, Jung MO SUNG (*Solidariedade e condição humana*, 97) escreve que o medo das suas limitações e fragilidades faz desviar (amparados em religiões e filosofias) o olhar do pobre, porque indiretamente ele recorda a própria (nossa) fragilidade, com a qual não conseguimos conviver. Rompe-se esse círculo vicioso tornando fortes as pessoas (livres, autônomas, competentes). Só assim poderão resgatar sua sensibilidade solidária.

⁷⁴ Alberto BONDOLFI, *Aspetti ético-sociali*, 123. O autor explica que “eu sou ‘sujeito’ exatamente no sentido primigênio da palavra, isto é, eu sou, antes de qualquer experiência de reciprocidade, fundamentalmente submisso ao outro. Esta submissão não tolhe a exigência da justiça, sempre inspirada na relação de reciprocidade”.

⁷⁵ A. GARCÍA RUBIO, *Unidade na pluralidade*, 448.

demais homens e criaturas, formaria a estrutura ontológica da pessoa humana. Essa corresponderia ao que Heidegger denomina de “ser-no-mundo”, de “cuidado”; ao passo que a co-humanidade, o *ser-para*, diz respeito à estrutura de liberdade, de opção. Esta é aquela que caracteriza especificamente o qualitativo “humano”, embora ambas se co-impliquem. A co-humanidade (*ser-para*) é o espaço ou habitat natural da solidariedade. Na mesma perspectiva, Rizzi diz que o ser humano, além de ser social (socialidade, *ser-com*), é ser livre, e necessita, portanto, da dimensão ética da solidariedade (co-humanidade, *ser-para*) pois, na prática, é esta que o torna livre. Logo, a co-humanidade não lhe é um corretivo, mas a vocação que o faz transcender a natureza⁷⁶.

Em síntese, podemos dizer que uma antropologia adequada à solidariedade contém dois suportes básicos. Em primeiro lugar, o reconhecimento de que a pessoa humana é socialidade ou é uma estrutura ontológica constitutivamente dialógica e dialogal, um *ser-no-mundo-com-os-outros*, uma coexistência, transcendendo a visão de ser humano como individualidade e como essência, herança da perspectiva da filosofia grega clássica, da qual a cultura ocidental é devedora, e que serviu de suporte para a construção social hoje exageradamente individualista e excludente, experimentada sobretudo a nível de economia e de política. Em segundo lugar, a vocação da pessoa humana é a co-humanidade, é *ser-para-os-outros*, é ser decisão livre e responsável pelos outros, mormente para o pobre, cuja face se apresenta, ou melhor se impõe, como veemente apelo ético. Quando assim vista a solidariedade se torna conatural, qual princípio configurador, qual vocação a ser, porque assim foi Jesus Cristo, o paradigma de ser humano e encarnação de Deus na história.

⁷⁶ Armido RIZZI, *Teologia della Solidarietà*, 230: “Já que o homem, além de um ser social, é livre, necessita da dimensão ética da solidariedade. Mas importa inverter a visão: o que torna livre a pessoa humana é a solidariedade. Esta não é um corretivo no interno da natureza humana, mas sua vocação, que faz transcender sua natureza e por isso abre o espaço para a sua liberdade como decisão. A solidariedade ética é a repetição do gesto divino, e o divino não é natureza, mas liberdade”.

1.4 Natureza e dinâmica de solidariedade

Depois de observado o surgimento do termo e da temática da solidariedade na história, sua relação com algumas virtudes e acenado para uma antropologia que possibilite sua compreensão como modo humano de ser, parece que estão criadas as condições para abordar a natureza e a dinâmica própria da solidariedade. Começemos falando de sua natureza ou especificidade.

1.4.1 Natureza da solidariedade

Nossa abordagem da solidariedade, é claro, não parte de sua compreensão como virtude de uma pessoa humana e sim como um modo-de-ser-no-mundo que caracteriza especificamente o ser humano. Segundo Martin Heidegger, como já vimos, o modo humano de ser é o “*ser-cuidado*”. O cuidado é a forma da pessoa humana se estruturar e se realizar no mundo; é a forma humana de ex-sistir e co-existir, de relacionar-se com todas as coisas⁷⁷, não mais numa relação sujeito-objeto, mas apenas e sempre numa relação sujeito-sujeito, porquanto toda a realidade, pessoas e criaturas, passa a se revestir de símbolo e valor que remetem a uma Realidade fontal. É esta que devolve voz e valor a todos os seres do universo⁷⁸. Uma das irradiações ou concretizações do cuidado como modo de ser humano é a *compaixão*, aqui vista como a capacidade da pessoa humana de se deixar afetar, de se sensibilizar pela realidade externa. Ainda que à primeira vista não pareça, ela não é passiva, mas altamente ativa, por ser capacidade de compartilhar a própria paixão com a paixão do outro. Ou melhor ainda, trata-se da capacidade de tornar paixão própria a paixão do outro, de sofrer com ele e como

⁷⁷ L. BOFF, *Saber cuidar*, 92: “O cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude entre outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. É um modo-de-ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. (...) Ser-no-mundo significa uma forma de ex-istir e co-existir, de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo”. O mesmo pensamento é retomado quase literalmente em *Princípio de compaixão*, 14.

⁷⁸ L. BOFF, *Saber cuidar*, 95: “No modo de ser-no-mundo como cuidado, não há a relação sujeito-objeto, mas apenas a relação sujeito-sujeito. Todos os seres humanos são sujeitos. Experimentamos como valores, como símbolos que nos remetem a uma Realidade fontal. A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar estes sinais. Coloca-se ao pé das coisas, junto delas e a elas sente-se unido. Não existe, co-existe com os outros. A relação não é de domínio sobre, mas de convivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão”.

ele, de alegrar-se com suas conquistas e progressos, de construir uma vida em sinergia e solidariedade. Poderíamos dizer que, se o cuidado é a configuração ontológica, a compaixão é a capacidade existencial. Desta capacidade pode emergir a solidariedade histórica.

A solidariedade não é jamais um dado da ontologia abstrata que trata da natureza humana na sua essência pura e individual como costumava fazer a ontologia clássica greco-escolástica (nesta perspectiva só poderia ser vista como virtude). É uma configuração “histórica”, alicerçada numa estrutura ontológico-existencial e quase impossível de considerá-la abstratamente. Será sempre um dado da história humana, com seu infinito complexo de relações, muitas delas conflitivas⁷⁹.

Só se pode realmente falar de solidariedade considerando-se a pessoa no seu contexto de relações globais, a maioria delas assimétricas, pois vivemos num mundo marcado pela limitação da natureza humana, pelo pecado, pela injustiça social, em sua constante luta pela sobrevivência.

Nesta perspectiva se apresenta como uma verdadeira *forma*, no sentido de uma conformação ou configuração que determina todo o viver. É uma vida investida na inversão da dinâmica excludente da história para torná-la inclusiva. A solidariedade é um modo de ser empenhado em, ao menos, diminuir as profundas assimetrias de relações presentes na sociedade. “O específico da solidariedade consiste em assumir a assimetria das relações sociais para transformá-las”, diz o teólogo moralista M. Vidal. Daí, ver a solidariedade apenas como virtude, como muitos o fazem, parece empobrecedor. De fato “não é suficiente praticar a solidariedade como virtude individual; ela precisa incluir a exigência da transformação social e histórica”⁸⁰, a reestruturação da ordem social pública. A solidariedade cristã é, na verdade, a genuína forma do ser humano nesta história que pode ser traduzida, quando bem compreendida, na conhecida frase paulina: “Suportai-vos uns aos outros” (Ef 4,2; Cl 3,13; Rm 15, 1.7), uma vez que se

⁷⁹ M. VIDAL. *Para compreender la solidaridad*, 49; também *Manual de Teologia Morale*, 224. Para esse moralista espanhol, quando se abstrai a pessoa de sua realidade e se lida com conceitos, descaracteriza-se a realidade humana, inviabilizando qualquer construção ética autêntica.

⁸⁰ N. METTE, *Solidariedade em declínio*, 107: “Não é suficiente formar e querer praticar a solidariedade como uma virtude individual; mas ela está indispensavelmente ligada à exigência de transformação da sociedade como um todo, visando pagar o preço do projeto de uma cultura democrática, em todos os setores da vida”.

entenda esse verbo “suportar” na sua acepção etimologicamente positiva de “manter o outro de pé”, tornando-o autônomo, livre⁸¹.

Observemos agora a dinâmica própria da solidariedade como uma concretização da compaixão que, por sua vez, é uma irradiação do cuidado como modo de ser humano.

1.4.2 Dinâmica da solidariedade

A solidariedade cristã, enquanto configuração do modo humano de ser (prática e não apenas enquanto categoria antropológica), se expressa como um vínculo duradouro e recíproco entre sujeitos assimétricos. Tentaremos explicitar esse seu modo de ser.

a) A solidariedade como um vínculo

A solidariedade, na acepção aqui assumida, é um *vínculo* especificamente humano. Como reminiscência de fundo de sua origem etimológica do *in solidum* dos romanos, poderíamos dizer que o conceito de solidariedade sempre se assenta, não apenas sobre os vários sujeitos diretamente envolvidos, mas também sobre a própria “relação” entre esses vários elementos que a integram. E isso em todas as acepções da palavra “solidariedade”, apenas que em níveis diversos de intensidade. É como se começasse a existir, entre os diversos protagonistas, um pacto (uma espécie de energia afetiva recíproca) que mantém sólidas entre si as diversas partes do todo da realidade ampla ou do sistema. Por ser uma concreção da compaixão (*pathos*), que é a capacidade de afetar e se deixar afetar pela realidade dos outros, a solidariedade humana e cristã, sempre de cunho eminentemente ético, gera um vínculo, de certo modo, permanente ou, ao menos, durável, de responsabilidade e de afeição pelo outro.

Mas, por co-responder à co-humanidade e não somente à coexistência (a esta pertence o cuidado enquanto categoria antropológica, bem como sua irradiação na *compaixão*), a solidariedade é sempre uma *opção*, fruto de uma

⁸¹ J. SOBRINO, no seu livro “*O princípio misericórdia*”, escolheu essa frase paulina como título do capítulo que trata da solidariedade. Esse pensamento de Paulo não é negativo ou de simples resignação como se sói entender, mas antes se apresenta como um forte grito por solidariedade, de modo que, pela compreensão dos mais fortes, os mais débeis possam alcançar a fraternidade plena

decisão livre de viver pelo outro (necessitado). Situa-se, eminentemente, no campo da liberdade. Neste sentido, pode ser vista como a plus-valia humana, a dimensão ou modo de ser humano mais nobre, mais próximo ao modo de ser de Deus, o ser “à imagem e semelhança de Deus, ou como diz Armido Rizzi: “o divino no mundo”⁸². Isso porque a pessoa que assim vive, pela grande empatia e compaixão pelos outros, descentrada de si mesma, decidiu a ver-se e a agir em vista dos outros, “desde o exterior”, como afirma Jon Sobrino⁸³.

O vínculo tem condições de surgir a partir do momento em que alguém, uma vez sensibilizado pela paixão do outro (sofredor), decide, por um ato livre de sua vontade e ao mesmo tempo compelido pela necessidade do outro, ser para-o-outro. Decide tornar-se segurança e solidez para o necessitado de modo permanente. Cremos importante perceber com clareza essa dinâmica: o modo de ser-no-mundo como “cuidado” (coexistência) pode se irradiar também na sensibilidade solidária (na co-humanidade), isto é, na capacidade de, sofrendo junto com o outro, ao seu lado e mesmo em seu lugar (como que representando-o), viver para que o outro tenha vida. Essa compaixão, livremente assumida como modo de ser, faz emergir o vínculo da solidariedade, que vai ao encontro do outro (necessitado) enfrentando todos os riscos de uma identificação que não se sabe, *a priori*, onde vá conduzir. Em última instância, conduzirá até o martírio, como reconhece Bondolfi⁸⁴.

Francisco de Assis parece expressar a consciência dessa experiência ao confessar no seu Testamento: “Como eu estivesse em pecado, parecia-me deveras

que é projeto de Deus. M. VIDAL na sua obra: *Para comprender la solidaridad*, 44, assume a mesma perspectiva.

⁸² A. RIZZI, *Teologia della solidarietà*, 231: “Solidariedade e vida (ética e felicidade, em termos mais clássicos) apresentam juntas uma proporção e uma eliminação. A solidariedade está em função da vida, mas é mais do que a vida: a vida é êxito do mundo e da pessoa humana, enquanto ser mundano. A solidariedade é o divino presente no mundo. Há, no entanto, uma plus-valia da solidariedade em relação à vida e à felicidade como plenitude histórica terrena (mundana); e há como que um déficit da vida e da felicidade em relação à solidariedade”.

⁸³ J. SOBRINO. *O Princípio Misericórdia*, 40. Para o autor, o cristão e a Igreja precisam aprender a ver-se e pensar-se “desde o exterior”, quer dizer, “desde o outro”. Só dessa maneira conseguirão realizar a necessária descentralização de si que leva ao genuíno amor.

⁸⁴ Alberto BONDOLFI, *Aspetti ético-sociali*, 137: “Se soubermos escutar, talvez, conseguiremos compreender que a solidariedade primigênia é aquela que exige uma superação da preocupação consigo mesmo. (...) Ser solidário significa, acima de tudo, superar os limites do evidente, assumindo os riscos de uma identificação que não sabe, *a priori*, onde nos leve. No caso extremo, ao martírio”. Em páginas anteriores, o autor mostrava que, para se viver verdadeiramente a solidariedade como vocação humana, “é preciso saber despir-se radicalmente dos papéis predefinidos, nos quais se encontra a causa da própria biografia. Só assim se verá que o outro, o marginalizado, é o outro que nos interpela radicalmente”.

amargo ver os leprosos, mas o Senhor mesmo me conduziu entre eles”(Test 1). E em outra passagem: “E todos os irmãos, onde quer que estejam, considerem que se entregaram a Nosso Senhor Jesus Cristo e lhe deram direito sobre seus corpos” (RNB 16,10). Ainda que Francisco faça uma leitura eminentemente religioso-teológica do primeiro fato, mesmo porque não teria condições para outro tipo de análise, ele revela o reconhecimento de uma “força externa a si mesmo” que o impeliu aos mais marginalizados dentre os marginalizados (leprosos e mais tarde aos sarracenos), criando com eles um vínculo duradouro⁸⁵. Mas, a essa altura do processo, Francisco já “não mais vivia centrado em si mesmo”. Há muito se compadecia sempre mais dos pobres, dava-lhes sempre mais abundantes esmolas, gostava de estar em sua companhia e de ouvi-los etc.

Esse treino de compaixão do outro (marginalizado) foi gerando nele um vínculo sempre mais profundo que o fez relativizar a própria saúde (perdendo o medo de se contagiar pela lepra), os próprios bens (foi desfazendo-se das riquezas até ser “banido” da família, também sustar a depredação dos bens familiares), a própria fama (assumindo, com coragem, ser taxado de louco) etc, com o intuito de dignificar o marginalizado. E tudo isso, não tanto em vista de sua bondade pessoal, mas, mais provavelmente, devido à irrupção do pobre e excluído em sua vida como um irresistível apelo ético. Esse apelo, em troca, lhe foi dando um novo sentido de vida, lhe descortinou o valor da fraternidade, vale dizer, o valor de viver realmente “em escala humana”, na expressão cunhada por D. Flood. Por isso, mais tarde, se tornaria incapaz, por exemplo, de permanecer com agasalhos, enquanto outros pobres sofressem a penúria do frio⁸⁶. Ou ainda, sentiria uma imperiosa necessidade de ir, mesmo se enfraquecido e doente, evangelizar os

⁸⁵ Essa “força externa” proveniente de fora, de uma situação histórica, é um dos elementos distintivos da solidariedade como modo de ser da solidariedade como virtude onde a força atua desde seu interno.

⁸⁶ 1Cel 76; 2Cel 83, 84, 86, 87, 88; LM 7,6; 8,5; LP 88, 89; EP 31, 37 etc. Porém, a maioria dos biógrafos, talvez influenciados por Celano (2 Cel 83-84), o primeiro dentre eles, os interpretam na perspectiva de uma santa rivalidade (inveja, emulação) de Francisco com os outros pobres, o que, a nosso aviso, é uma leitura muito empobrecedora. Segundo nossa compreensão, uma vez que alguém vive em solidariedade profunda com o pobre, não consegue mais deixar de atendê-lo minimamente nas suas urgências. O vínculo com o outro (pobre) é tão forte que já não consegue ver-se como centro ou simplesmente como sujeito com direitos quando outros não os têm. Muito elucidativo para nossa reflexão aqui, o texto de 1Cel 76: Pedía aos ricos que lhe ‘emprestassem’ mantos ou peles. Mas já avisava que não esperassem devolução. Tinha verdadeira ‘compaixão’ pelos pobres. As primeiras frases de 2Cel 83 dizem assim: “Quem poderá contar toda a compaixão que esse homem tinha para com os pobres? (...) Francisco se derretia todo pelos pobres e aos que não podia estender a mão nunca deixava de dar seu afeto”.

muçulmanos, quando todos os queriam simplesmente derrotar, para não dizer exterminar⁸⁷.

b) A solidariedade como um vínculo recíproco

A solidariedade é um *vínculo entre dois sujeitos*. À diferença das virtudes que sempre adornam o modo de ser de uma pessoa, a solidariedade, enquanto modo de ser humano, é um vínculo que se cria entre dois sujeitos, ambos reciprocamente beneficiados. Há um dar e um receber de ambas as partes, mesmo se em níveis, intensidades e campos diferentes. À diferença da caridade, por exemplo, ou mesmo da misericórdia, a solidariedade sempre supõe a existência de dois sujeitos que inter-agem, se acolhem, se doam, se enriquecem mutuamente.

Essa permuta recíproca não necessariamente tem de ser vivida em nível de consciência formal e explícita. Ambos sujeitos do vínculo solidário têm dificuldade para dar-se conta dessa contribuição recíproca, embora de modos diferentes. O pobre, geralmente com baixo autovalor, conseqüência da introjeção, durante todo o tempo da vida, da má reputação de ser um inútil, um estorvo e, por que não dizê-lo claramente, um indesejado, raramente conseguirá dar-se conta da preciosa oferta que ele faz a seu interlocutor. Pensa-se apenas como alvo ou objeto de atenções e ofertas, pois, aparentemente, nada tem a oferecer. A assimetria da relação lhe é um grande obstáculo a superar, a fim de se apropriar da oferta que faz ao outro sujeito do vínculo.

Por sua vez, no sujeito “solidário”, o diferencial entre a solidariedade (vista como virtude) e a solidariedade como modo de ser reside na consciência do que ele está se enriquecendo com esse pobre de quem se solidarizou. Este passo nem sempre é fácil, pois geralmente a doação do pobre lhe vem em outro nível e em outra dimensão de vida. Na maioria das vezes, o protagonista “solidário” corre o risco de ver os efeitos de sua solidariedade (maior alegria, leveza de vida, questionamento de seu apego aos bens, apelo veemente a amar ainda mais evangelicamente os necessitados, etc) como resultado, em si, de sua ação e não como a doação ofertada pelo pobre. O “outro” demora para se lhe tornar

⁸⁷ 1Cel 55; LM 9,5. Mais que estes diversos testemunhos, importa ter presente RNB 16 que oferece uma verdadeira orientação metodológica para sua evangelização.

referência⁸⁸, em decorrência da estrutura mental individualística de nossa cultura hodierna. Segundo nossa compreensão, mesmo aceitando a justeza dessa reflexão da real reciprocidade entre os protagonistas da prática solidária, para que se possa falar em verdadeira solidariedade não é fundamental a conscientização de ambos os sujeitos da relação desse vínculo recíproco, mas somente de quem se faz solidário. Este sujeito, sim, necessita de clareza de compreensão para ler adequadamente o vínculo recíproco.

Talvez se possa perceber em Francisco a consciência desse aporte do pobre em seu breve relato no Testamento: “E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo, se me converteu em doçura da alma e do corpo” (Test 3). Seus biógrafos contemporâneos, devedores da mentalidade de seu tempo, leram esta assertiva como alegria pela superação de si mesmo⁸⁹. Não queremos negar a existência desta dimensão. Mas certamente não é ela que transformou a “amargura em doçura”, e sim o novo horizonte dos valores evangélicos que os excluídos lhe ofereceram, mesmo sem se dar conta.

Quando Francisco se deu conta disso, não quis mais abandonar a convivência dos marginalizados; antes queria preservar e fortalecer o vínculo com eles, assim como viu o mesmo vínculo entre Jesus Cristo (encarnação de Deus) e os excluídos de seu tempo, como claramente manifestam sobretudo a encarnação, a paixão e a eucaristia. D. Flood chamou a esse conjunto de valores de “viver em escala humana”⁹⁰, em contraposição e como ruptura, cremos, ao viver “em escala

⁸⁸ Jon SOBRINO, *O princípio misericórdia*, 217. Embora o autor, neste capítulo que tem por título “Suportai-vos mutuamente”, trate da solidariedade entre as Igrejas e argumente que a solidariedade seria a mais legítima concretização da catolicidade, insiste, (cremos que a nível pessoal a essência da relação seja a mesma) que a solidariedade *tem como referência essencial o outro*, tanto para dar como para receber, tanto a nível humano como ao nível eclesial, cristão e teológico”. E mais abaixo, à página 231, explicitará que a solidariedade introduz uma “circularidade”. (grifo nosso)

⁸⁹ 1Cel 17: “Mas, como por graça e por força do Altíssimo já tinha começado a pensar nas coisas santas e úteis, quando ainda vivia como secular, encontrou-se um dia com um leproso, e *superando a si mesmo*, aproximou-se e o beijou”. LM: “Mas lembrou-se do propósito da perfeição que abraçara e da *necessidade de vencer-se a si mesmo*, se quisesse ser cavaleiro de Cristo”. Na mesma perspectiva está LTC 11 que o mostra “*fazendo-se violência*” e depois *confessando-se alegre por ter conseguido* a proeza de se aproximar dos leprosos e até “*gostando de ficar entre eles*”. (grifo nosso)

⁹⁰ D. FLOOD. *Frei Francisco*, 207. Esta descoberta em Francisco foi possível porque ele “soube reconhecer os leprosos”, tornou-se “seu irmão”, e conseqüentemente estranho ao mundo de Assis. Passou a tomar posição em favor deles, pois não havia como se manter, ao mesmo tempo, fiel a Assis e fiel àqueles que Assis exclui, justamente porque representam interesses contrários ou são ameaça aos seus interesses. É a confirmação da palavra de Jesus: “Não podeis servir a Deus Senhor: a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24).

comercial, de mercado”, se assim pudéssemos nos expressar⁹¹. Em que consiste esse “viver em escala humana”? Talvez possa ser sintetizado como “uma configuração humana onde a pessoa do outro é o centro real de interesse”, em substituição ao lucro econômico, social, político, religioso, psicológico ou de qualquer outra natureza. Por isso, o “viver em escala humana” obriga a um redimensionamento de todas as relações: elas passam a receber novo sentido. Este foi o grande contributo dos leprosos na história da conversão de Francisco: descortinaram-lhe um mundo novo, que, depois, Francisco tentou implementar na Fraternidade e deixar como herança aos irmãos. D. Flood classificou esse “feito” como o mais significativo da vida de Francisco.

c) A solidariedade como um vínculo recíproco entre desiguais

Já observamos que a solidariedade é um vínculo concreto, em nosso caso, entre duas pessoas, e não apenas um sentimento, nem mesmo um ato esporádico. A solidariedade genuína é um vínculo entre dois sujeitos que se intercambiam bens, embora de ordem, natureza e níveis diferentes de intensidade. A consciência desta reciprocidade é fundamental. Mas além disso, importa frisar que a solidariedade, em nossa acepção específica, é um *vínculo recíproco entre desiguais*.

Assim, se o vínculo se estabelece a partir de uma descoberta positiva (o outro como valor), não porque se lhe atribua aleatoriamente esse valor, mas porque o outro (indigente e necessitado - verdadeira alteridade no dizer de Lévinas) se impõe como um valor. Ele irrompe na consciência desse modo. Será sempre um vínculo de mão dupla (de receber e de dar ao mesmo tempo), mas entre sujeitos assimétricos. Nisso está o sentido específico da solidariedade antropológica.

Sendo um vínculo recíproco entre desiguais é evidente que compete ao sujeito “com melhores condições humanas”, uma vez sensibilizado pela urgência e pelo valor do outro, tomar a iniciativa de “descer” (não apenas “ir”) ao encontro

⁹¹ Maria Clara L. BINGEMER (*Solidariedade ou conflito*, 844-857) argumenta que os documentos do magistério da Igreja relutam em aceitar a conflitividade inerente na sociedade atual e que sonham com a quase utópica construção da “civilização do amor” e uma “possível e recíproca destinação à harmonia entre capital e trabalho” sem tomar clara posição em favor dos desfavorecidos, mas apenas teorizando soluções. Optar pelos desfavorecidos é uma atitude geradora de conflito social. Conclui mostrando que a vivência de Jesus foi uma “solidariedade na conflitividade”.

do outro (espoliado e despojado de sua dignidade de vida), a fim de libertá-lo de sua indignidade, mediante o estabelecimento de um “pacto” duradouro que o resgata de sua situação de indignidade, no mais amplo sentido da palavra.

Essa solidariedade cristã adquire valor teológico, porque reveladora do modo de ser do Deus de Jesus Cristo, cujos pontos culminantes na sua vida são os mistérios da encarnação, da paixão e morte na cruz e da eucaristia. Estes momentos culminantes expressam mais claramente o movimento da “transcendência” de Deus em direção ao pobre e marginalizado.

Entretanto, é interessante observar que nenhum vínculo entre duas partes assimétricas subsiste duradouramente na assimetria de relações, pois essa diferença sempre acabará sendo “lida” pelo sujeito mais fraco como uma imposição, intervenção ou intromissão indevida do sujeito mais galardoado. Esta possibilidade, em última instância, o oprime, o renega e o exclui mais ainda. Daí a “necessidade” de quem toma livremente a decisão de estabelecer o vínculo de solidariedade genuína de “fazer-se ele próprio segundo a medida do menor”. Vê-se então que o princípio do auto-esvaziamento, não para se automortificar, mas para chegar à condição do espoliado, pertence intrinsecamente à lógica do processo de solidarização. Este é o lugar desde onde se entende a lógica do retraimento de Deus na criação, do nascer entre os marginalizados, tomando a forma de escravo, do morrer entre os condenados como parte das metodologias “conaturais” ao processo de solidarização que Jesus Cristo tão bem manifestou em sua vida. São condições essenciais para que a solidariedade não se converta em opressão, sempre temida pelos que são comparáveis à cana rachada e à mecha que apenas fumeja. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a solidariedade pode se converter em chave de leitura de todo o agir de Deus em relação aos homens com quem Ele quis e quer conviver⁹². Essa visão de Deus e de Jesus Cristo, mesmo sem ter um linguajar mais adequado para exprimi-lo, certamente foi um dos aspectos que apaixonou a Francisco e quis que sua vida pessoal e a dos seus irmãos a viabilizassem na história, como veremos abaixo, nos capítulos oito e nove desta investigação.

⁹² Uma tentativa de leitura de todo o fazer teológico nesta perspectiva encontramos em Vitor CODINA: *Renacer para a solidariedade*”, conforme indicação bibliográfica no final desta investigação. Mais especificamente, as duas obras cristológicas de Jon SOBRINO (*Jesus Cristo, o Libertador*; e *A fé em Jesus Cristo*) são igualmente uma tentativa de releitura da cristologia desde a solidariedade com as vítimas.

Por isso, em se tratando da solidariedade com o marginalizado, torna-se evidente a necessidade de automarginalizar-se. Foi a decisão que Francisco tomou no momento da grande guinada de sua vida. Ultimamente parece tranqüilo aos franciscanólogos aceitar essa afirmação de que Francisco optou pela marginalização social e não pela pobreza como sempre se entendia ao longo destes séculos⁹³. Com isso, Francisco aprendeu a ver a si mesmo e ao mundo “desde” o lugar dos pobres. A esse passo, atualmente, se costuma chamar de “mudança de lugar social”. O gesto de Francisco, narrado pelos seus biógrafos e costumeiramente interpretado em chave de “ascese” e de “pobreza”, bem como o fato de não ser capaz de permanecer com algum agasalho quando encontrasse alguém mais necessitado do que ele, cremos, alcance toda a sua real grandeza, se relido em chave de solidariedade⁹⁴. É o vínculo da solidariedade que se impõe nele de tal modo, que já não consegue resistir, não porque ele seja alguém muito virtuoso (o que não queremos negar, absolutamente), mas porque, uma vez acolhido o pobre na sua riqueza de pessoa humana e objeto de amor de Deus, não consegue deixar de ir-lhe ao encontro na sua indigência. Esse é o dinamismo de quem faz da solidariedade o princípio configurador de sua vida, de quem se vê “desde o outro” ou “desde fora” como diz Jon Sobrino.

Considerações finais do capítulo

A solidariedade cristã, pelo constatado até o momento, não é um conceito, de forma alguma, linear, simples e unívoco; antes complexo, polivalente, polissêmico e poliédrico baseado em nova compreensão antropológica e mesmo cosmológica. Ela pode ser compreendida como virtude moral que adorna uma personalidade. Poderiam ainda ser distinguidos níveis e intensidades diversas de solidariedade. Porém, como já afirmamos, interessa-nos aqui a solidariedade,

⁹³ Provavelmente o primeiro, ou ao menos um dos primeiros, a sustentar e divulgar a compreensão da conversão como uma “opção pelos excluídos”, como uma “mudança de lugar geográfico e social” e não uma opção pela pobreza como as fontes biográficas oficiais do século XIII de modo geral propõem, foi R. Manselli, seguido por G. Miccoli, F. Accrocca, J. Dalarun, J. Le Goff etc. As respectivas referências bibliográficas serão indicadas mais abaixo, quando tratarmos, sobretudo, do Testamento.

⁹⁴ 1Cel 76; 2Cel 83, 86,87, 88, 89; 92, LP 52; EP 29, 33 etc. Todos esses fatos deveriam ser estudados com outras chaves de leitura, a fim de libertá-los da visão reducionista em que foram encerrados.

enquanto *princípio ético-antropológico estruturante*, enquanto modo de ser leva à criação de uma nova “configuração das pessoas e das estruturas sociais”⁹⁵. Desse modo poderá ser entendida como uma expressão do próprio modo de ser de Deus e, neste sentido, se converter em um *princípio teológico*.

Poder-se-ia ter falado ainda da existência dos diferentes níveis de solidariedade e de algumas de suas dimensões⁹⁶. Mas não o fizemos porque o objetivo de nossa atenção aqui foi somente enfocar o princípio antro-po-teológico da solidariedade, uma vez que nos ocuparemos da solidariedade na visão cristológica de Francisco de Assis, isto é, de Jesus Cristo como paradigma da pessoa solidária.

Percebemos que a solidariedade apresenta uma dinâmica própria. Pressupõe a compaixão (ou *sim-patia*, etimologicamente entendida) como capacidade de se deixar afetar pela realidade (sofrida) do outro; não propriamente pela dor, e sim pela realidade (valiosa) do outro sofredor⁹⁷. Vale dizer, o sofrimento é apenas (e assim deveria ser sempre) o caminho de acesso à riqueza do outro (na sua indigência). O solidário, movido de compaixão, começará priorizar as necessidades do outro, para, depois, passar a se ver a “partir do outro, desde fora”, como diz Jon Sobrino. Quer dizer, não apenas a se ver, mas também “viver a partir do outro”⁹⁸, descentrado de si mesmo.

Neste segundo momento, surge a criação ou o estabelecimento de um vínculo, de um compromisso (estável) com o outro que caracteriza a solidariedade. Mais do que dar coisas, passa-se para a fase de dar-se a si mesmo, enquanto total abertura ao outro, na sincera busca de partilhar a realidade do outro e assim possibilitar-lhe o resgate da dignidade. É essa dinâmica que leva a pessoa

⁹⁵ M. VIDAL. *Manuale di Teologia Morale*, 224. Para esse autor a solidariedade conjuga ao mesmo tempo um “dado de consciência” da pessoa e uma “configuração das estruturas”, evidentemente, sociais.

⁹⁶ Ainda que breve, mas é muito claro o artigo de G. GATTI: *Dimensioni della Solidarietà*, em *Parole di Vita* 3 (1985) 211-216. Destaca as seguintes: a soteriológica, a escatológica, a ética, a eclesial e a litúrgica. Mas podem ser lembradas outras como a solidariedade bio-étnica, forte no povo do Antigo Testamento, a solidariedade política decorrente de ser cidadão de um determinado país etc.

⁹⁷ J. ESPEJA PARDO. *Solidariedad*, 1667: “O dinamismo da verdadeira solidariedade começa quando o outro entra na nossa vida; quando o reconhecemos como próximo; quando suas angústias, alegrias e sofrimentos nos tocam. Essa entrada do outro em nosso recinto provoca uma primeira reação: sim-patia, compaixão”. Também M. VIDAL. *Manuale di Teologia Morale*, 230: “Os fatores que constituem a postura de solidariedade podem ser resumidos, em forma mais sistemática, em dois núcleos avaliativos: a sim-patia e a partilha de vida”.

⁹⁸ G. MOREIRA. *Compaixão-misericórdia*, 85.

solidária assumir a condição do outro, por mais marginalizado ou excluído que esteja.

Esse processo não é um movimento ascendente nem um movimento horizontal. Revela-se como um “*movimento descendente*”, de esvaziamento de si, de descida ao nível do outro. Neste sentido a “descida ou esvaziamento de si” é conatural ao processo de solidarização. Nele reside o segredo para não acabar num simples paternalismo que muitas vezes mina muitas boas iniciativas mas que de solidariedade têm somente a fachada, segundo M. Vidal⁹⁹. Estas acabam reforçando, veladamente, a submissão e a opressão.

Vê-se então que a solidariedade requer alguma forma de partilha de vida com o outro (necessitado), despida de toda e qualquer forma de poder¹⁰⁰ da parte de quem toma a iniciativa de ir ao encontro do fraco. A genuína solidariedade, assim compreendida, em última instância “funda suas raízes no agir de Deus”. Não há outra razão última que justifique o modo de ser solidário. Ele, sendo solidário, veio ao nosso encontro no Filho encarnado, “nascido por nós à beira do caminho” (OfP 15,7), na margem da sociedade, porque assim solidário não encontrou lugar nas acomodações dos construtores da história que agem narcisisticamente. O Filho de Deus, deixando sua condição divina, se irmanou aos homens, assumindo a condição humana mais humilhada possível: a forma de escravo (Fl 2,7). Francisco, vendo isso, e mesmo sem conseguir expressá-lo racionalmente, se extasiava porque o “Filho do Altíssimo se tornou nosso irmão”¹⁰¹.

⁹⁹ M VIDAL. *Manuale di Teologia Morale*, 214-215: “A solidariedade da filosofia (e mentalidade) neoliberal não é uma categoria configuradora da vida social, dado que esta deve reger-se pela liberdade individual e competitiva. Segundo essa concepção, a solidariedade é um sentimento moral que brota, de forma gratuita e não imposta nas pessoas e nos grupos que conseguiram obter mais no jogo competitivo do que outras pessoas e grupos que não puderam alcançar o mesmo nível de êxito. Esta solidariedade é sinal de paternalismo e se constitui como um movimento de “cima para baixo”. Por essa razão, este conceito de solidariedade não pode provocar uma mudança estrutural da sociedade, nem ser o canal que veicula as aspirações de justiça e as reivindicações dos direitos dos mais fracos. Esta é a razão pela qual o conceito de solidariedade em geral, e com maior razão o conceito liberal de solidariedade, goza de pouca simpatia nos ambientes sociais de esquerda”.

¹⁰⁰ A prática pastoral e social ensina que os bens materiais, geralmente, representam o poder de quem os doou. Para o pobre sentir-se sujeito do processo de superação de sua degradação quando as doações materiais são abundantes é praticamente impossível, pois o “poder” dos bens materiais o oprime. Daí que as doações materiais devem ser muito criteriosas e conjuntamente administradas para não se tornarem contraproducentes.

¹⁰¹ Tomás de Celano escreve, ao reeditar pela segunda vez a vida de Francisco: “Tinha um amor indizível à Mãe de Jesus, *porque fez nosso irmão*, o Senhor da majestade” (2Cel 198). E Boaventura parece realçar melhor ainda esta mesma dimensão: “Seu amor à Mãe do Senhor Jesus

A história da salvação confirma que a revelação de Deus ocorreu sobretudo através de sua solidarização com as criaturas humanas mais relegadas, com o objetivo de resgatá-las e salvá-las. Mais que falar de sua identidade, “Deus se disse concretamente” na ação em favor dos pequenos. Nosso Deus é o Deus dos oprimidos, o *go’el* dos indefesos¹⁰². O Deus encarnado em Jesus Cristo no meio dos pobres, é o “Deus marginal”¹⁰³, pois seu lugar, desde sempre foi a margem. Ele não se deslocou, mudando de lugar. A margem para ele não é falta de espaço no centro, mas “seu” lugar. O momento fundante da história da revelação-salvação aconteceu junto a um povo de escravos no Egito (Ex 1-15), cujos clamores Ele ouviu e por isso desceu para libertá-los. Ali Ele “diz seu nome”, quer dizer, se auto-revela como o “Deus que caminha profundamente comprometido com os oprimidos em busca de sua libertação”¹⁰⁴.

Desde outro ângulo de compreensão da mesma verdade, ciente de que a teologia não é “uma realidade asséptica e neutra”¹⁰⁵, Jon Sobrino fala da existência do “princípio da parcialidade”¹⁰⁶ na revelação de Deus, porquanto Ele

era realmente indizível, pois nascia em seu coração ao considerar que ela havia *convertido em irmão nosso ao próprio Rei e Senhor da glória*” (LM 9,3). (o grifo é nosso)

¹⁰² V. CODINA. *Renascer para a solidariedade*, 67: “A opção de Deus pelos pobres e sua predileção pelos marginalizados é a revelação encarnatória e histórica do dogma fundamental da fé: que a salvação é gratuita e nós somos justificados não por nossas obras humanas ‘justas’, mas por nossa fé na graça e na misericórdia de Deus que justifica os humildes e se afasta dos que se crêem justos”.

¹⁰³ M. ALTHAUS-REID. *O êxodo divino de Deus*, 29. O título do artigo nesta conceituada revista de teologia *Concilium* já é o bastante para adivinhar o desenvolvimento de seus argumentos. Para a autora, Deus não fez opção pela periferia da história, como sempre se costuma falar. Tal enfoque levaria a crer que Deus mudou de lugar, de procedimento. Ao contrário, Deus sempre esteve na periferia, na margem da história, ao lado dos marginalizados, pois este é o lugar dele desde sempre, porque sua natureza é ser amor, pôr-se a serviço do outro, do mais necessitado. Mesmo que este termo “marginal” referido a Deus choque, nós aqui preferimos conservá-lo, pois o contexto permite ver que sua compreensão aqui quer ser apenas etimológica e não pejorativa.

¹⁰⁴ CONF. DOS REL. DO BR. *A formação do povo de Deus*, 61-62. Segundo a comissão (formada pelos melhores biblistas do Brasil) que preparou esta obra, o tetragrama JHWH (Javé) poderia ser entendido como uma abreviação de “ESTOU QUE ESTOU” (Ex 3, 14). “Esta frase, por sua vez, exprime a certeza absoluta da presença de Deus no meio do povo. É como se Deus dissesse a Moisés: “*Toketô*”, isto é, certissimamente estou com você nesta missão de fazer sair o meu povo do Egito! Disso você não pode duvidar”.

¹⁰⁵ Vítor CODINA, *Renascer para a solidariedade*, 11: “Ao escreverem seus livros, muitos teólogos ainda hoje abordam diretamente seu tema central de forma objetiva, sem fazerem referência alguma nem a si mesmos, nem à sua fé, nem à situação sócio-eclesial, nem à gênese de seu pensamento. Como se a teologia fosse uma realidade asséptica e neutra, sobre a qual alguém pudesse escrever sem pessoalmente se sentir implicado; ou como se a vida e o estado do teólogo pudessem ser postos entre parênteses”.

¹⁰⁶ Jon SOBRINO, *O princípio misericórdia*, 62. : Seu argumento poderia ser assim resumido: Deus se revela a todos sim, mas através ou a partir dos pobres. Evidentemente, Deus se dá “*pro omnibus*” (em favor de todos). Mas não é a mesma coisa, fazer teologia deixando-se guiar na análise do argumento “*pro omnibus*”, primeiramente “*pro me*” como o segmento dos carismáticos tem a tendência a fazer. Deixar-se guiar, igualmente pelo “*pro nobis*” (ótica da teologia oficial)

sempre se revela a partir do pobre. Segundo esse teólogo que vive na América Central, a elaboração da teologia da salvação, por exemplo, não deve ser feita desde um princípio de que Deus se entregou “*pro omnibus*” genérico e indiferenciado, também traduzido facilmente pelo “*pro nobis*” (salvação de todos, simplesmente). Nem desde um “*pro me*” individualista, presente em algumas correntes de espiritualidade que erigem o “salva tua alma” como princípio organizador da vida de fé. Mas sim desde um “*pro pauperibus*”: Deus quer salvar e se entrega a todos, mas desde e a partir dos pobres, seus preferidos.

Então se Deus é assim e se autocomunica dessa maneira, esse é o verdadeiro fundamento teológico (e antropológico) da solidariedade e, igualmente, sua melhor compreensão. E a pessoa humana, criada à imagem e semelhança desse Deus, participa intrinsecamente desse seu modo de ser. Talvez por isso o evangelista Mateus (25, 31-46) erija, no discurso escatológico do juízo final, a solidariedade para com o necessitado como critério básico de salvação e Lucas (10, 25-37) apresente, como exemplo de alguém que “herdou a vida eterna”, a um pagão (samaritano) solidário com um estrangeiro que havia caído nas mãos dos salteadores. São testemunhos de que o projeto de pessoa humana, segundo a herança bíblica, supõe o “descentramento de si como caminho para chegar ao verdadeiro centro de si”¹⁰⁷, o que significa estabelecer como paradigma antropológico e cristão o viver-para-os-outros. Vale dizer, à medida que a pessoa consegue se inserir sempre mais no movimento centrífugo (próprio do Deus triuno cristão) que se dá, se esvazia continuamente em favor da vida de todas as suas criaturas, nessa mesma proporção obterá viver sua verdadeira identidade original de ser à “imagem e semelhança de Deus” neste mundo de realidades tão conflitivas e, simultaneamente, construir nele, comunitariamente, um *ethos* in-

leva a fazer uma teologia “neutra” e asséptica, que não cria atrito nem conflito com ninguém, mas que também não converte e transforma nem pessoas nem estruturas injustas. Porém, fazer teologia, definitivamente, deixando-se guiar pelo “*pro pauperibus*”, é única maneira que respeita a dinâmica fundamental da vida de Deus (amor): o esquecimento de si próprio para dar vida ao outro. O máximo da liberdade consiste em pôr-se totalmente a serviço dos outros.

¹⁰⁷ H. CHAIGNE. *Il le vit et fuit pris de pitié*, 24. O autor quer mostrar no artigo que a solidariedade é o “leite da ternura humana”, isto é, o sustento das relações verdadeiramente humanas, baseadas essencialmente no humano, sem a qual “nenhum evangelho seria possível” (16). Neste sentido, a solidariedade ultrapassa toda a forma de cultura ou religião para assentar-se sobre o “definitivamente humano”. Mas com isso não pretende laicizar esta maneira de ser, ao contrário, quer ir ao encontro de um dos mistérios centrais da fé que é a encarnação, a identificação de Deus com o homem, como o mostram claramente o discurso do Juízo Final de Mt 25,31-46 e a história modelar do Bom Samaritano de Lc 10, 25-37, nos quais Jesus se identifica com o necessitado.

nocente (assim escrito para chamar a atenção para seu sentido etimológico), sinérgico e harmônico com toda a alteridade, seja pessoa, seja cosmos. A solidariedade é, pois, em última instância esse modo de ser desde uma coexistência de “ser-com-os-outros” em função de uma co-humanidade, de uma liberdade de doação “para-os-outros”, obviamente a partir daqueles onde a vida está mais ameaçada e sofrida, por serem carregados de maior potência de apelo ético. E tudo isso podemos, como diz Clara de Assis, amiga de Francisco, ver no espelho de Jesus Cristo que viveu e morreu “por nós”, simultaneamente, na tríplice compreensão conforme diz Kasper: em nosso favor, por causa de nós e em nosso lugar.